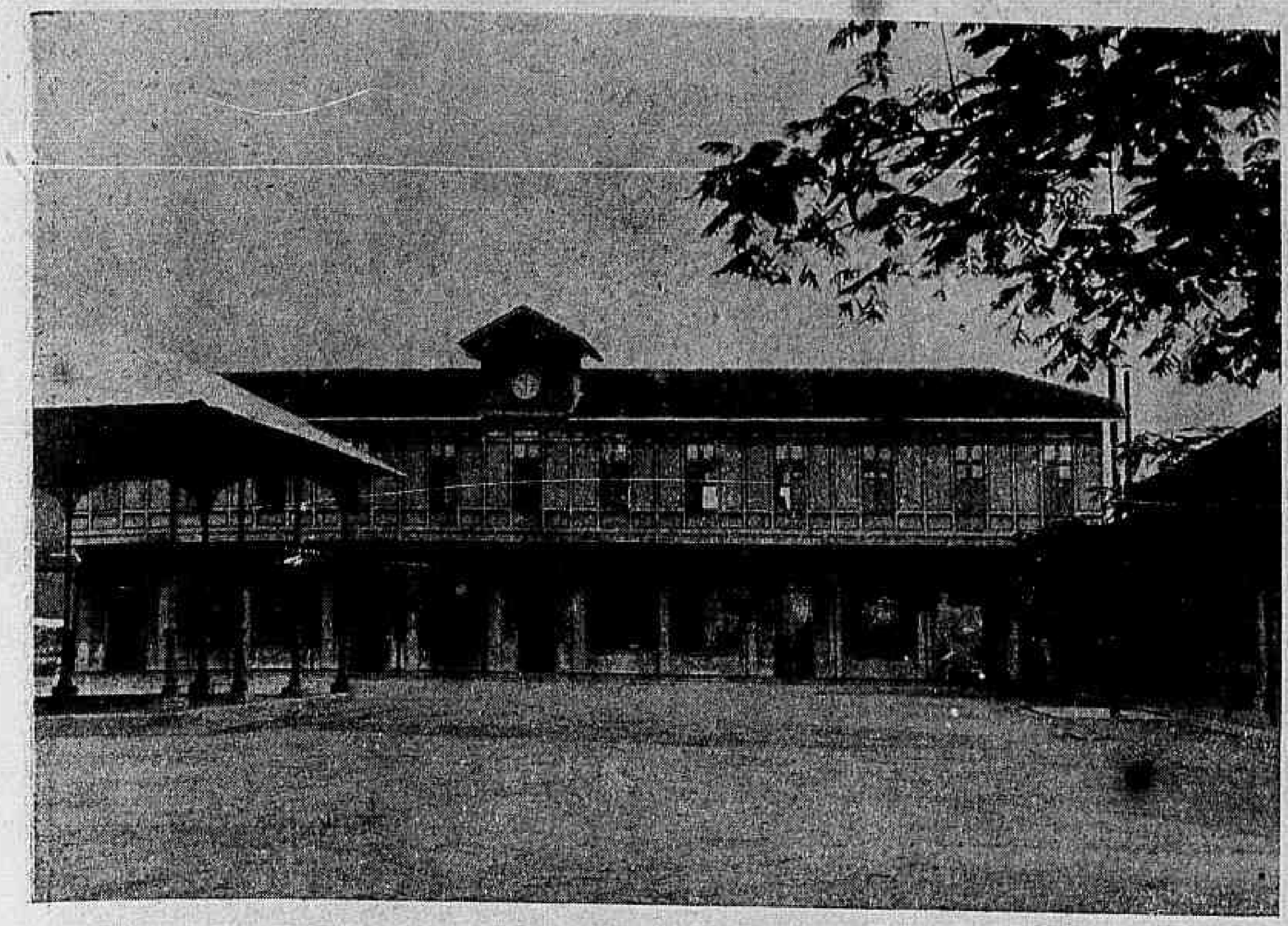
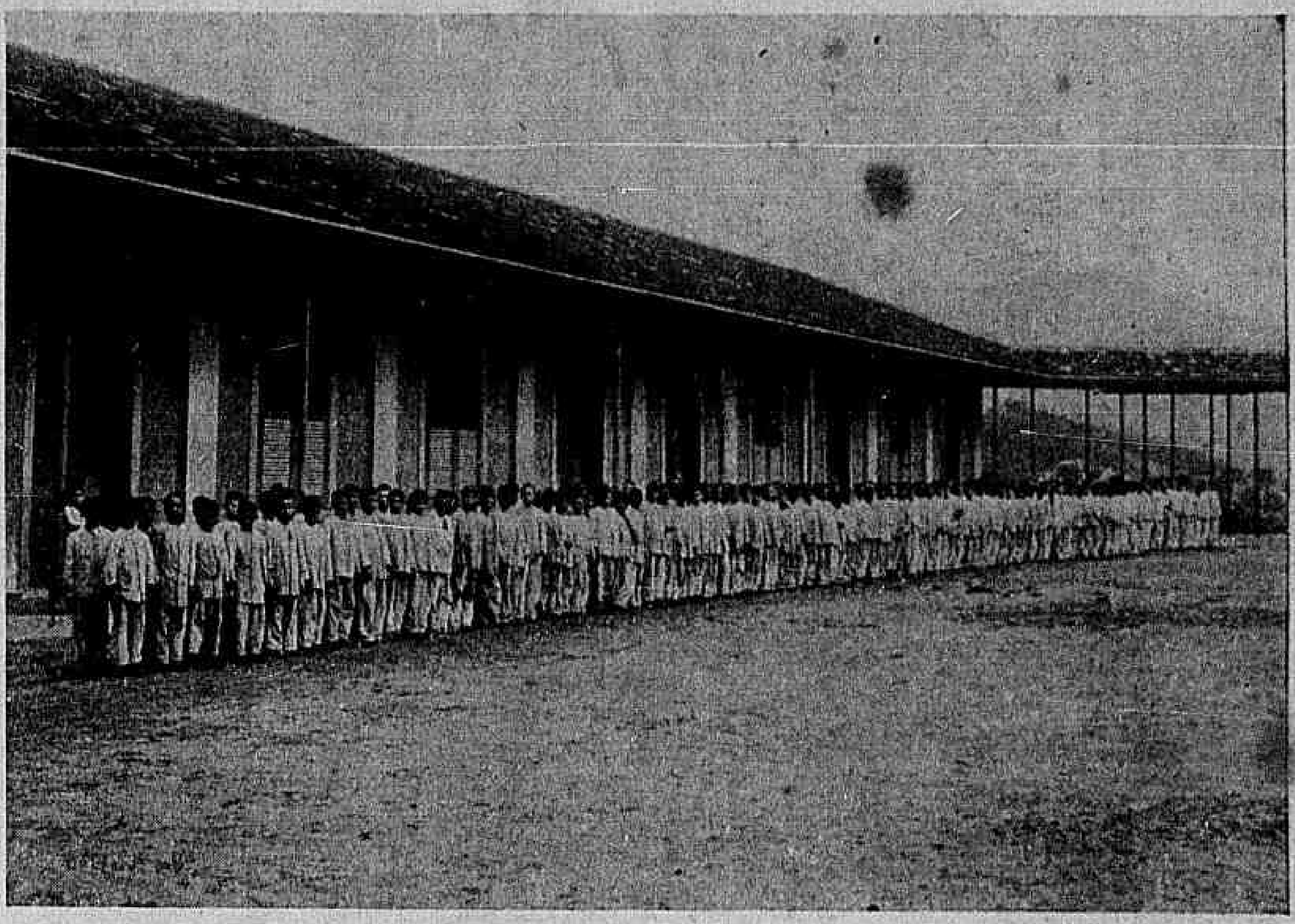
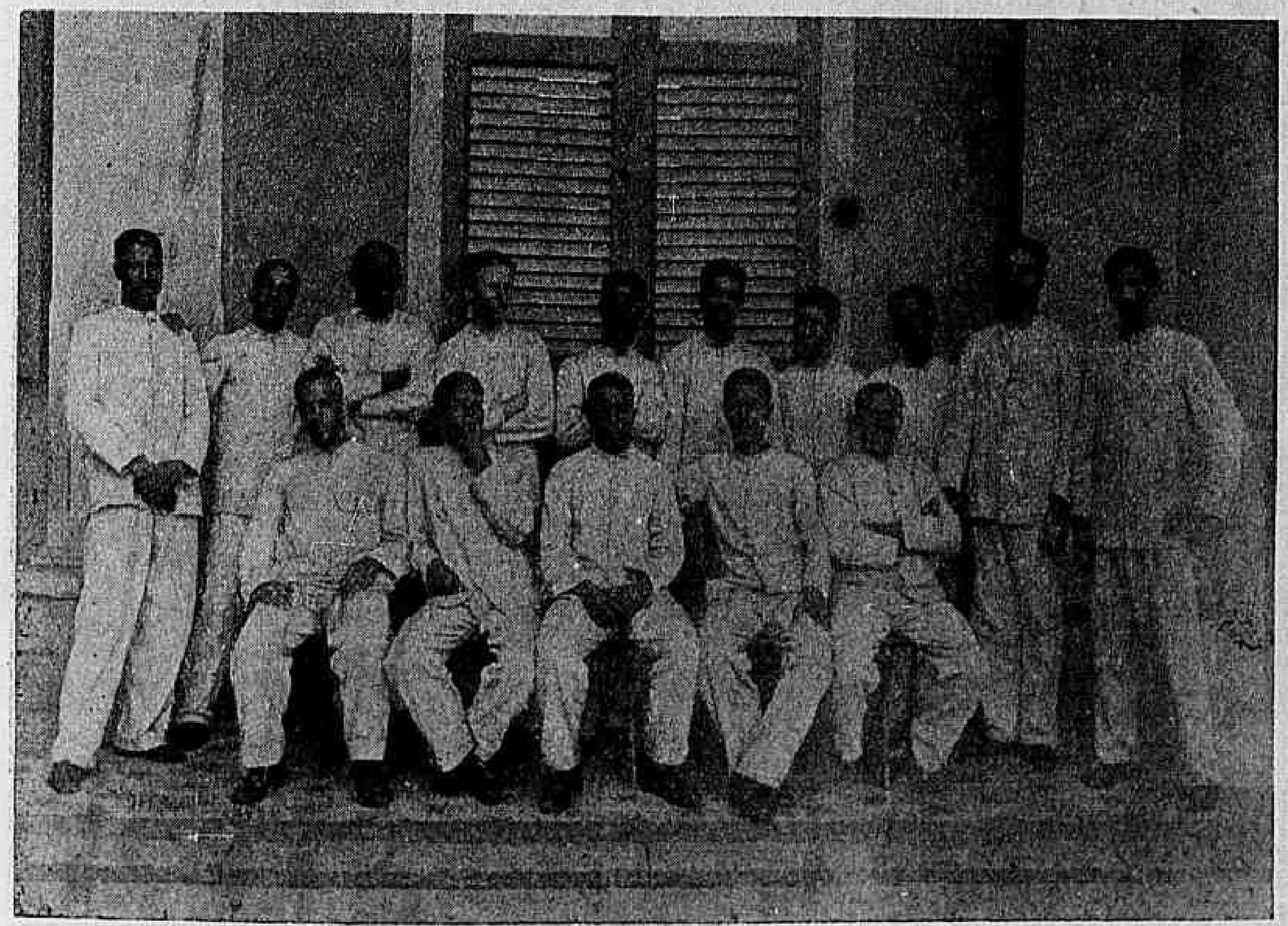
# RIO DE JANEIRO — INSTITUTO PROFISSIONAL



Area central do Instituto.

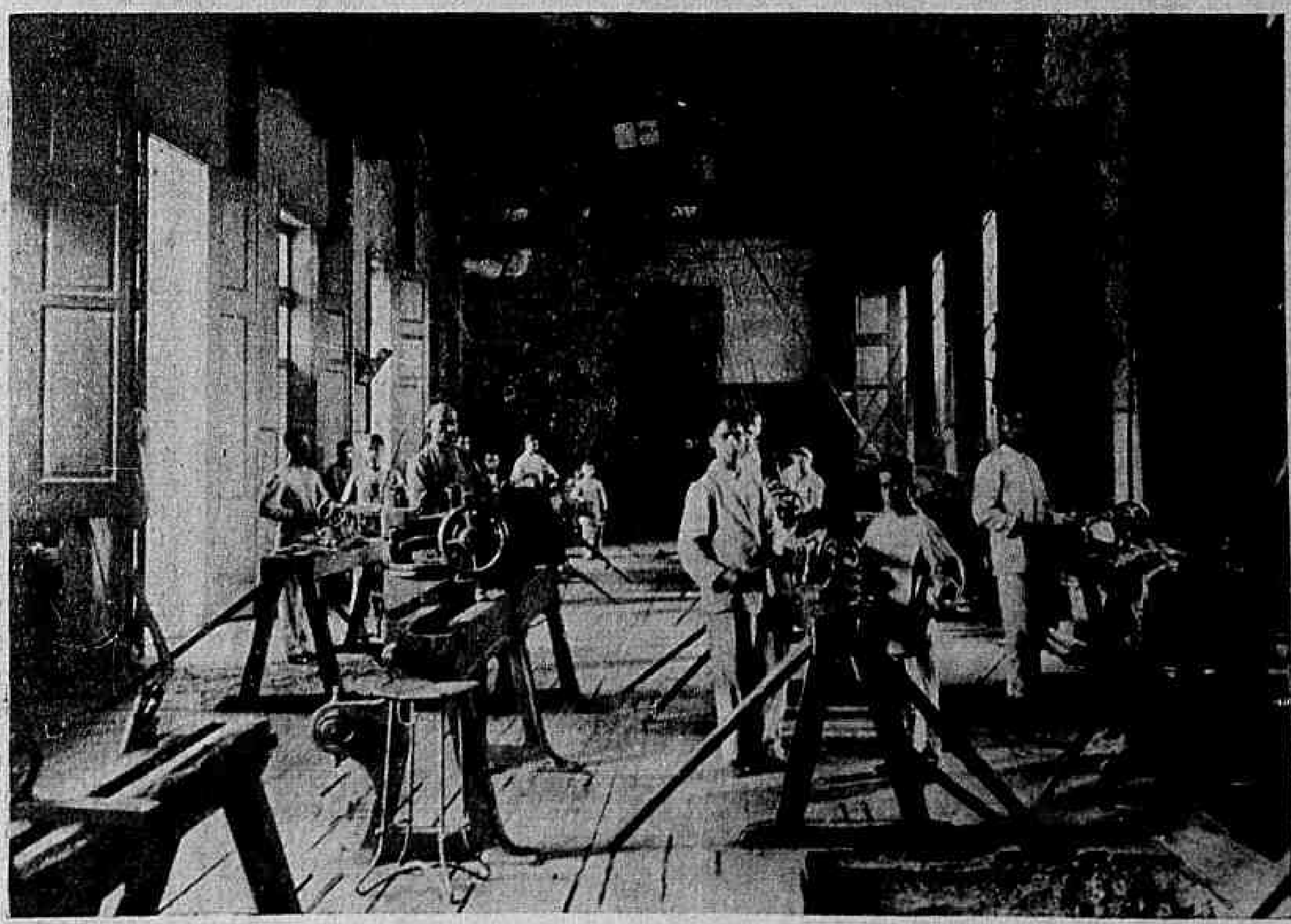


Grupo de alumnos do Instituto.



Alumnos-inspectores do Instituto.

(Phot. da *Revista da Semana*.)



Officinas de torneiro do Instituto.

treparão ao mais alto do céo, muito embora devam despenhar-se depois, despedaçados.

Os filisteus chamam a estes buscadores dos — astros — doidos; mas estes doidos chamam-se heroes.

**João Chagas.**

## IMPRESSÕES E ASPECTOS

### A POESIA POPULAR

*(Conclusão do n. 109)*

A calamide desta Musa descalça não é de seda e ouro, mas de burel rude e d'estamenha, como as capas dos pastores e dos mendigos. Nada mais negligente e pobre do que a forma que veste suas trovas gaguejantes. Mas atravez dos seus farrapos, de subito, rompe um desses luminosos versos que sahem, da alma, num soluço divino; um desses tremulos gritos arquejantes de coração ferido, que para sempre ficam a vibrar na nossa alma enternecida como o pranto harmonioso do Oceano no seio de uma concha atirada á praia. E eis que a esse verbo de dôr tão penetrantemente humano, ou de paixão tão candidamente sentida, ao nosso espirito se rasgam num clarão de estrellas, abysmos de infinito.

Esses são, na verdade, os unicos poetas do povo—porque na lettra ingenua das suas cantilenas e balladas vibra aquelle inimitavel accento da nossa Raça, aquella expressão de contemplativa saudade, de nostalgia dolorosa e fatalismo tragico que em vão nós outros artistas tentariamos traduzir em toda a sua profunda e expontanea intensidade.

Por mais sinceros e arrancados do coração, os nossos livros parecerão tão mesquinhos, ao lado dessa obra immortal e anonyma dos poetas da rua, como uma pallida flôr de estufa ao lado de uma rosa esplendida que brotou da terra, regada pelo orvalho do ceu e colorida pelo sol de Deus. E por mais febril e ardente que seja o sopro de talento com que um grande escriptor insuflasse alma e vida ás creações do seu cerebro, não conseguirá nunca que ellas passem o circulo estreito de um limitado publico intellectual—porque, ao realizal-as, a forma verbal será sempre demasiado *litteraria* para tocar e prender a imaginação do povo.

Para a multidão, um pobre cego ignorante valerá sempre mais do que Antero ou do que Junqueiro. Porque? Por lhe dizer, simplesmente, na mesma lingua que fala, unicamente os mesmos sentimentos, as mesmas aspirações que a commovem.

Não tem phrases, nem imagens; mas a eloquencia universal e sublime dos soluços e dos gemidos. Sem retorica, sem arte, sem adjectivos, numa rima tropega e monotona como o soluçar das fontes, qualquer cantador ambulante consegue crear num minuto de emoção, ao contar a sua paixão ou a sua miseria, uma obra mais duradoura do que a de todos os poetas celebres, que gastaram annos a queimar o cerebro e os nervos, numa febre convulsa de talento e de arte.

Reparem na anciosa attenção que se reflecte nos olhos e nas physionomias suspensas da gente rude, que no meio de uma rua, á porta de um mercado, esquece de repente a sua labuta, e pára a escutar os cegos. E' como se ouvissem fallar alto o seu proprio coração, e como se a antiga dôr e o antigo sonho das suas vidas fosse brotando, ao som daquelles fados tristes, das boccas roucas desses menestreis vagabundos.

E quantas vezes, ao passar, me quedo tambem absorto, a ouvil-os, sentindo palpitar dentro em mim, ao éco daquellas vozes e lamentos, não sei que de vago e latente que no fundo do meu coração existe, e de subito, mysteriosamente irmana a minha alma á desses obscuros descalços, que ao meu lado sonham—nessa communhão espiritual que é por ventura o sentimento innato da Raça.

Por instantes, sob o sortilegio innominavel desta emoção de acaso, diria que todas as vãs convenções e falsos preconceitos sociaes em mim se dissolveram como o fumo que o vento leva—e que eu sou egual a qualquer delles, humildemente irmão de todos esses humildes.

E como então me parece frivola e irritante, na sua mesquinha esterilidade, toda essa colorida poeira litteraria que a vassoura infatigavel do Tempo vae atirando para o esquecimento.

Só é verdadeiramente emocionante o que fôr simplesmente humano, e o que vier directamente do coração. Mas essa chimera de crear uma obra que todos sintam, que todos comprehendam, sabios ou simples, é inattingivel; porque no nosso cerebro ha seculos condensados de litteratura, e embora procuremos ser sinceramente humanos—seremos sempre, no fundo, incorrigivelmente «litteratos».

Como eu vos invejo e admiro mais que a todos os sabios, ó sublimes ignorantes! Não sabeis ler nem escrever; nada mais conheceis da Vida, além do vosso coração; por lyra, tendes apenas uma velha guitarra de duas cordas, uma para o amor, outra para a dôr: — mas nella encontraes voz bastante para fallar a todas as almas dos simples, e para dar allivio a todas as amarguras dos pobres.

E tal deve ser, neste mundo triste, a vossa unica aspiração, Poetas: consolar os que soffrem e os que desesperam, pela revelação misericordiosa de uma outra vida melhor, para além da Terra.

**Justino de Montalvão.**

Conta um viajante que num tumulo do principal cemiterio de Teheran, na Persia, leu as seguintes maximas, a guisa de epitaphio de um philosopho:

«Quem não tem dinheiro, não tem credito; quem não tem esposa submissa e docil, não tem repouso; quem não tem filhos, não tem força; quem não tem parentes, não tem apoio; mas quem nada disso possue, não tem cuidados.»

# OS THEATROS

Era numeroso, mas visivelmente reservado, o publico que, na terça-feira ultima, assistiu á primeira representação da obra prima de Daudet, theatrada por Belot, no theatro Apollo. Publico interessante e bizarro que, não contente com os cinco actos da *Sapho* (porque mesmo contando pelos dedos eram cinco), queria mais um e ainda depois de um jornalista, na primeira fila de cadeiras, se levantar, gritando um sonoro «acabou-se» para os circumstantes, persistia em aguardar um desenlace novo, que só podia ser absurdo. A mesma platéa que ha poucos dias applaudia as sras. Cesana e Razzoli recusou á Angela Pinto essas palmas de sympathia e animação que sempre acompanham a entrada em scena de uma artista precedida de certo renome e isto pelo mesmissimo preço de cinco mil réis, pois não ha celebridade que tão barata fique á platéa fluminense.

Réjane em *Sapho* (Acto I).

Reservamos para mais tarde algumas considerações suggeridas por essa joia de sentimento e de arte que, na opinião de todos os grandes criticos, perdurará no patrimonio litterario do seculo XIX. Hoje cumpre-nos apenas dar as impressões fugitivas do desempenho, as linhas geraes dessa estréa, que seria impossivel tomar como bitola definitiva do juizo do publico.

Réjane em *Sapho* (Acto III).

A difficuldade primaria das reducções dramaticas das obras de Daudet é que não ha nellas cousa que ampliar, retocar ou supprimir, nem verbos de encher, nem meios personagens. Os *bouts de rôle*, as *pontas*, não existem; cada um dos personagens incarna uma classe, uma cathegoria social; é completo e integral. Dahi a necessidade de uma afinação irreprehensivel, difficil de conseguir entre artistas de scenas diversas, ainda não fundidos e amalgamados uns com os outros e estreando apenas com ligeiro rapasse de memoria na peça mais difficil do repertorio.

Eis, quanto a nós, o lado máo da exhibição de terça-feira. E mistér que Taveira agora no decorrer da temporada, unifique esses temperamentos de feições diversas e forças deseguaes, moderando aqui, espertando acolá, afinando vozes, caracteres, feitios, dando ao todo esse tom inconfundivel que cathegorisa os elencos e nos faz designal-os por denominações typicas : a *troupe* do D. Amelia, a *troupe* do D. Maria, a *troupe* do Odeon, a *troupe* da Comèdie Française. Tanto assim que os mesmos artistas, aliás visivelmente indispostos com a pressão da sala, foram alternativamente bons, mediocres ou máos, sem motivo apparente que explicasse o facto além da falta de ensaios, de apuro em commum. Luiz Pinto, por exemplo, teve ao lado da nota justa, discreta ou scintillante, a nota banal ou anodina. Porque? Carlos de Oliveira, que nos tres primeiros actos parecera não haver comprehendido o typo de Dechelette, um dos mais perfeitos da peça, disse deliciosamente no 4º acto a dolorosa narrativa da morte de Alice, uma pagina litteraria repassada de amarga e dolorosa philosophia. Conde, um dos actores mais bem collocados no seu papel, ainda assim não joga com a mesma egualdade em todas as scenas. Campos, muito discreto no De Potter, disse bem o tragico raconto da abjecção, mas a meia voz, cheio de medo. E outro tanto poderiamos dizer dos demais artistas, á excepção de Taveira, um admiravel *Caoudal*, um dos typos mais bem compostos pelo distincto artista, e de Angela Pinto.

Dessa, em que pese á opinião de uma parte da platéa, trouxemos uma impressão em tudo correspondente á esperança que nella depositavamos, e confiamos em que muitos dias não serão passados sem que o nosso publico, tão razoavel e independente, concorde comnosco. Angela Pinto é bem a definição de D. João da Camara; é uma grande artista de temperamento, indomavel, fogosa, rebelde, indisciplinada como todas as naturezas expontaneas que tiveram o infortunio de não nascer em França, entre mestres eminentes e Conservatorios eruditos. Angela nunca viu a *Sapho*, que tambem não pertence ao repertorio do theatro portuguez. E' uma velha paixão sua, talvez porque sem malicia ha estreitas afinidades entre ella e a heroina de Daudet. A *Sapho* que ella nos revelou é muito sua, tirada dos seus nervos e do seu cerebro, e nessa interpretação ha notas de uma verdade flagrante de uma paixão vivaz, de uma alma abrasada de talento. A lava de ouro ou de lama que lhe sahe de dentro, vem do coração, ás vezes a trouxe-mouxe, de tropel, mas sempre com uma facilidade que empolga. Basta um detalhe para reconhecer uma artista; no trabalho de Angela elles pullulam. Na sua physionomia, no seu olhar, no seu gesto, triumpha a vida alacre e jocunda e ella é, quando quer e como quer, relés ou elegante, brutal ou meiga, serpente ou heroina. Todo o seu 4º acto faria a reputação de qualquer artista e a crise hysterica que o termina é de uma verdade absoluta.

E' possivel que nos illudamos; não é provavel e, se errarmos, erramos com D. João da Camara, Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Gervasio Lobato, Eduardo Schwalbach, Abel Botelho, Maximiliano de Azevedo, Rangel de Lima, Pedro Vidoeira, Eduardo Garrido e tantos outros que lhe têm confiado os mais delicados typos femininos da sua phantasia de escriptores.

Não quero porém concluir sem rectificar, com a devida venia, um ligeiro lapso de um collega muito distincto com quem, frequetemente e com aproveitamento, troco idéas em assumptos de theatro. Referindo-se á phrase de *Sapho* no 1º acto «*Estás muito bem de moveis!*», quando penetra no

A sra. Marchesi-Coniglio em *I Granatieri*.

aposento de *Gaussin*, o collega nota a discrepancia entre o texto e a mobilia modestissima da scena, e borda sobre o incidente espirituoso commentario.

E' assim mesmo. Taveira observou com o maior escrupulo a rubrica da peça, da qual possuo um exemplar impresso. A phrase de *Sapho* é ironica. Creatura da mais baixa esphera, filha de um cocheiro e... «de outrem»..., habituada a frequentar as alcovas do Bairro Latino, onde uma mesa meio coxa e um catre avariado bastam ao escolar pobre, admira-se, muito naturalmente, do asseio do

*Mme. Sans Genè* (Acto III) — *Catherine* (Réjane) *Napolèon* (Duquesne).

aposento do estudante, dos dois ou tres moveis decentes que o ornamentam e sobretudo do piano, apezar de velho e desafinado. Dahi a phrase, phrase de « argot », ironica e gaiata.

**Farfalla.**

Busto em bronze do almirante Barroso e columna de marmore nacional, inaugurado no dia 11 do corrente no Club Naval, executado pelo estatuario brasileiro Benevenuto Berna.

## D. UMBELINA BANDEIRA

Publicamos hoje o ultimo retrato que foi tirado da exma. sra. d. Umbelina Julia Bandeira de Mello, veneranda viuva do finado conselheiro dr. João Capistrano Bandeira de Mello, e finada mãe do sr. conselheiro dr. João Capistrano Bandeira de Mello, cathedratico e ex-director da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

## CHUVAS MARAVILHOSAS

Lycosthenes, Camerario e Simão Gonthard referem-nos que, na antiguidade, e mesmo ainda em plena edade media, embora não com muita frequencia, houve extraordinarios phenomenos de chuvas portentosas, sem ser preciso metter em linha de conta a chuva de fogo que arrasou, como justo castigo dos seus peccados, as cidades de Gomorrha e de Sodoma.

Quatrocentos e um annos antes de Christo, houve uma chuva de sangue a qual annunciou a morte de Annibal, na Bythinia; cincoenta e tres annos, tambem antes de Christo, houve uma chuva de leite; no anno 109 outra chuva de leite precedeu um terrivel incendio, que destruiu quasi por completo a então capital do mundo; no anno de 31 uma chuva de sangue annunciou ao povo egypcio que Cesar Octavio venceria o seu rival Antonio; em 48 de Christo, outra chuva de egual genero, unida a differentes prodigios, annunciou o crime de Agrippina e a morte de Claudio.

Correndo o anno de 1551, dizem ter cahido tambem sobre Lisboa uma terrivel chuva de sangue; em 1503, houve chuva de cruzes; a 26 de maio de 1554 a pequena villa de Dunkespuel annunciou á attonita Allemanha, que tinha sido victima de uma chuva sangrenta.

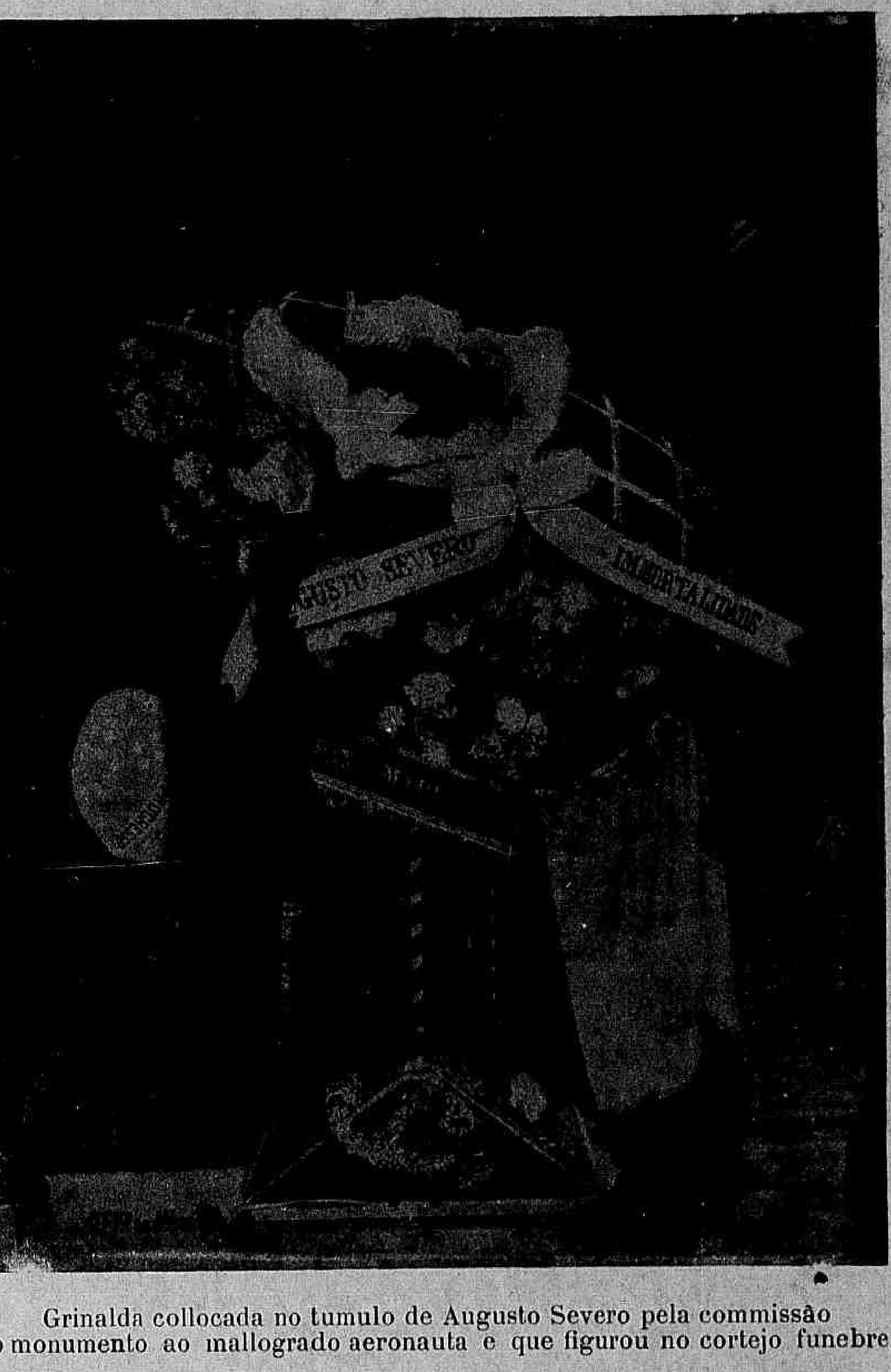
A sciencia moderna não dá o menor credito a estes maravilhosos phenomenos, opinando que, se taes chuvas houve foram simplesmente de neve, que em certos casos toma côr avermelhada. Outros naturalistas dizem que esses pequenos globulos de materia corante são pequenas criptogamicas do genero *Uredo*.

Uma tradição allemã sustenta que em 1587, em Witzitz, houve uma chuva de armas, que infundiu o maior panico no paiz, cujos moradores as viram reluzir fulgurantes pelo espaço, depois dessa povoação ter ficado em obscuridade completa.

As chuvas de peixes tambem não têm sido raras, e estas têm a sua explicação scientifica pela absorpção que fazem de agua e animaes do mar as espantosas trombas marinhas, as quaes, sustendo-se nos ares, muitas vezes vão descarregar em fórma de chuva sobre a terra. Na Saxonia, occorreu este phenomeno durante o reinado de Othão III.

Estes acontecimentos, segundo a superstição popular, eram precursores de successos tristes, e annunciavam regularmente a destruição das cidades.

O que, fóra de toda a duvida, a descripção delles manifesta, é o modo como o espirito dos nossos antepassados concebia, até mesmo o que devia ser unicamente materia de observação, attribuindo tudo a artes de encantamento e de bruxaria, e dando proporções sobrenaturaes aos phenomenos mais simples.



Grinalda collocada no tumulo de Augusto Severo pela commissão do monumento ao mallogrado aeronauta e que figurou no cortejo funebre.

A indiscrição de um empregado do fisco americano permittiu a um jornal de New-York communicar aos seus leitores os elementos exactos que formam a colossal fortuna do sr. Rockefeller, chamado o «rei dos oleos».

O capital desse nababo se eleva a 1.250.000.000 francos que dão a renda annual de 62.500.000 francos. Elle possue, além disso, 200 vapores, 70.000 vagões de mercadoria e 3.500 vagões de passageiros. Tem sob as suas ordens 27.500 homens. E' proprietario da maior companhia de caminhos de ferro, sendo interessado em todas as outras. Possue 300.000 kilometros de conductos de oleo.

O jornal americano que transmitte essas informações seguras, acrescenta que o sr. Rockefeller «não tem absolutamente mais nada».

Disse Baudelaire: — «O publico é, relativamente ao genio, um relogio que se atraza.»

AUGUSTO SEVERO — O cortejo funebre ao chegar ao largo da Lapa — Passagem do ataude da carreta para o carro funebre. (Photographias da *Revista da Semana*.)

# UM NOVO ELEITO

O nosso amigo Mario, que acaba de ser eleito em segundo escrutinio, será para a Camara dos Deputados uma acquisição preciosa. Conheço-o muito. Mario não é o que parece.

Visto por fóra e um pouco de longe, possue mil qualidades notaveis: é honesto, leal, dedicado, simples e sem pedantismo, heroico e sincero, bom filho, esposo fiel e pae extremoso. Exhibe o aspecto exterior de todas estas virtudes; dellas blasona e faz gala; chega a convencer-se de que lhe pertencem. Mas a fallar verdade, todas ellas são prejudicadas por um defeito que se occulta no amago do seu ser; defeito que não se revela á primeira vista mas que nem por isso trabalha menos na sombra e no mysterio, tudo apodrecendo: Mario é egoista.

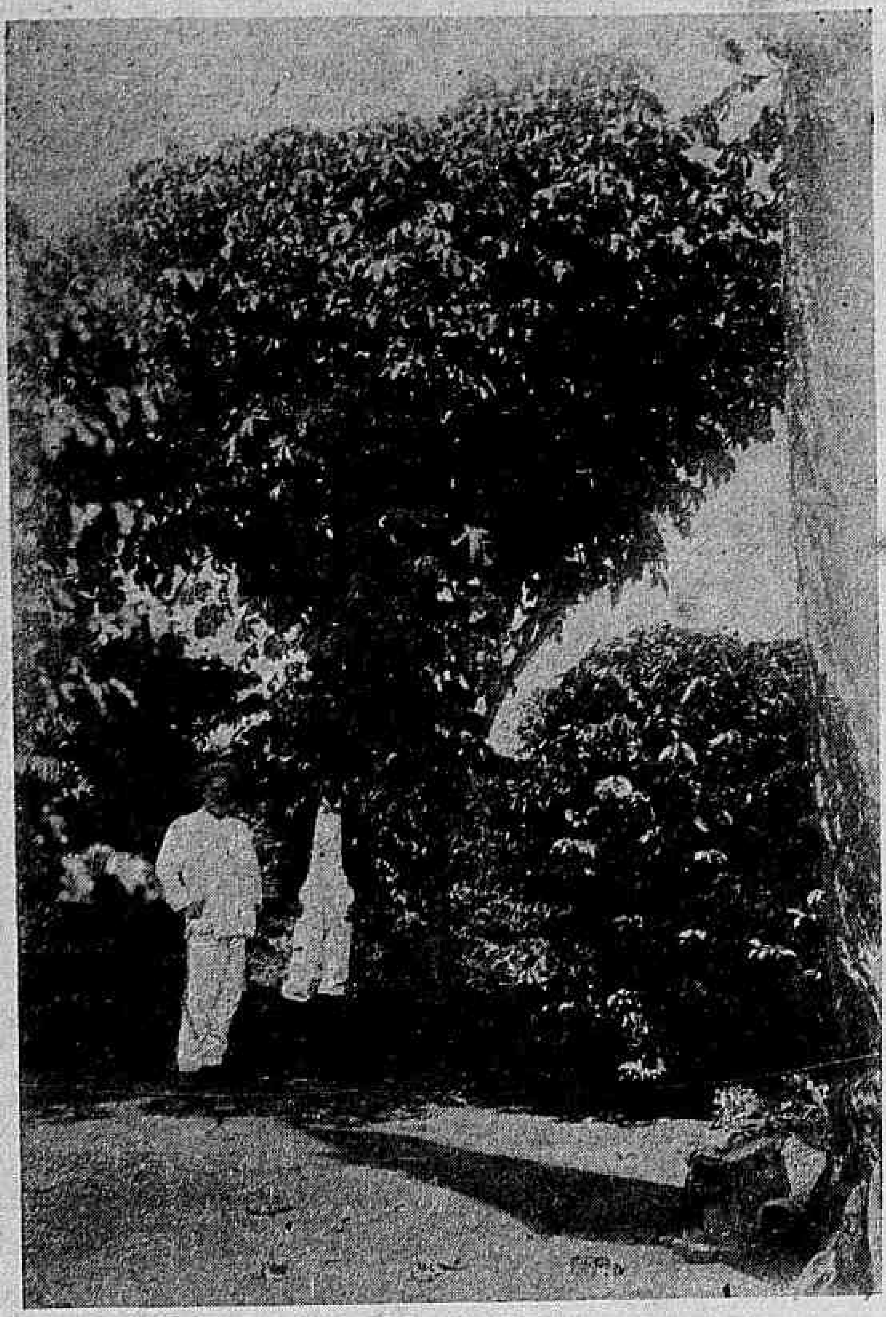
E'-o apaixonadamente, loucamente: só a si presa, tudo reduz a si e tudo vê atravez do seu eu. Esse amor exclusivo da sua pessoa é o unico da sua vida e tudo determina: o bem e o mal que pratica, as qualidades e os defeitos, os vicios e até as virtudes. Nesse Arabe, a quem acima de tudo as apparencias preoccupam, a primeira tendencia do egoismo devia convergir para a necessidade de apparecer com vantagem. Assim foi, e Mario enfeitou o seu exterior com generosidades que no intimo repudiava. As virtudes que litterariamente lhe agradavam, adoptou-as para integral-as, nunca nas

Uma goiabeira nascida num tronco de páo de oleo.
Jacarezinho — Estado do Paraná.

suas decisões ou nos seus actos mas nas suas conversações ou nos seus olhares; não as traz no coração; tral-as ás costas; usa-as como uma peliça rica, pela belleza; mas não lhes frue nem as tristezas nem as alegrias. Emprestam-lhas e isso lhe basta. A illusão é tudo.

De resto, é certo que esse homem candido nada sabe das fealdades que desolam o mundo; mas isso simplesmente por indifferença por tudo quanto não seja elle e se se desviou do mal tambem se arredou do bem que pela mesma razão ignora: assim, o seu egoismo vale-lhe a sua pureza e algumas coisas mais.

Por egoismo, é mentiroso: para não ter que fatigar-se a advogar as suas acções ou os seus projectos, dissimula os ou nega os. Quanto ás suas idéas, está sempre prompto a engulil as: quando não concorda comvosco, não vos contradiz porque isso seria um trabalho impertinente e vae-vos apoiando até parecer que está incondicionalmente ao vosso lado. Se vos aprouver maltratar, deante delle, os seus amigos ausentes, podeis fazel-o sem receio porque não dirá uma palavra em defeza dos malsinados; quando muito esboçará um gesto triste, destinado á provar a excellencia do seu coração e talvez accrescente, melancolicamente: «Oh!... Não é tanto assim...» e prompto. Mas se insistirem com intimativa ou vehemencia, declarar-se-á vencido, não tardando em balbuciar: «... Quem havia de dizer... Muito me conta» Todavia, não convem exceder-se na injustiça, na cru-



Pé de maniçoba de 2 annos, fazenda do dr. Costa Junior, deputado federal por S. Paulo — Jacarezinho — Paraná.

eldade, sobretudo em presença de um auditorio numeroso, porque se corre o risco de impellil-o a um acto heroico: mudar de assumpto! O egoismo faz-se covarde.

Mas, no intimo, guarda-vos rancor da humilhação que lhe foi imposta pela vossa força superior á sua e, para vingar-se, repetirá, na vossa ausencia, o que se não atraveu a dizer-vos, cara a cara. Assim, o egoismo faz se traidor.

Se, ao contrario, lhe prestaram algum serviço importante cujo peso o incommoda, tratará de diminuir, quanto possivel esse peso: sempre que a gratidão pode provar-se por formulas, prodigalisa a com emphase, mas se ella exigir qualquer sacrificio, qualquer esforço, por pequeno que seja, nega-a e retira-se. Assim, o egoismo fal-o ingrato.

Por egoismo promette tudo, para não discutir, e por egoismo falta ás suas promessas, afim de poupar se. O egoismo torna-o distrahido, dispensando-o da attenção; o egoismo fal-o sujo porque a agua fria e a roupa limpa lhe são desagradaveis á pelle. Por egoismo, é preguiçoso, por temor da fadiga; por egoismo, é ciumento, e isso é normal;

Tronco de figueira brava, 20 metros de circumferencia.
Jacarezinho — Estado do Paraná.
(Photographias tiradas pelo dr. Candido de Abreu.)

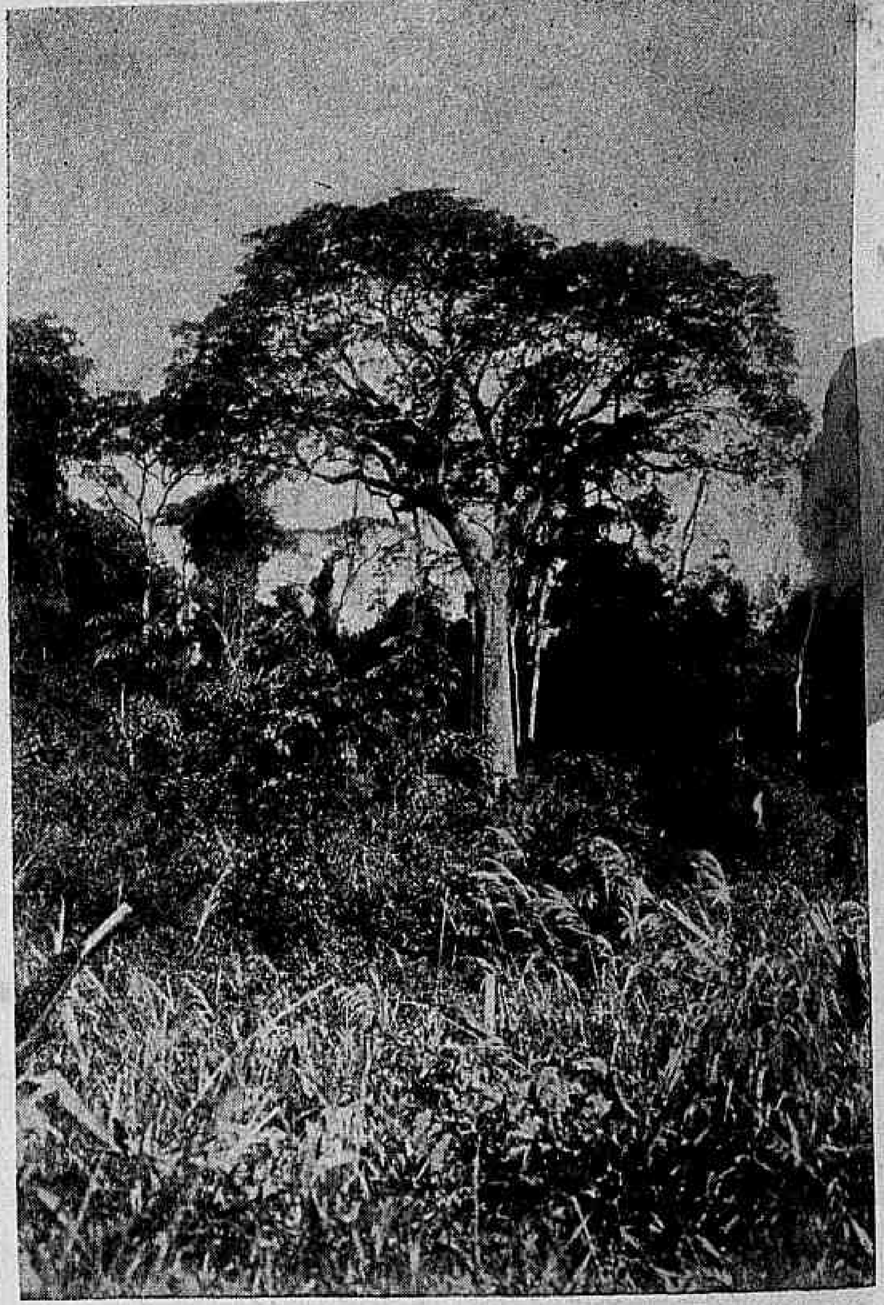
mas levará a preguiça até ao ponto de jejuar ou fazer jejuar os seus.

Por egoismo, quando lhe nasce uma criança, parte para uma viagem, chamado com urgencia a outra cidade, para um jantar. E, por egoismo, quando a miuçalha cresce e galreia, escolhe outro domicilio onde sua esposa irá fazer-lhe as suas visitas nos minutos conjugaes.

Se, comtudo, o visitarem nessa casa que é sua e elle evita, serão recebidos effusivamente: protege-os o seu egoismo, porque se fôr dia ocioso livral-o-ão das horas e se fôr dia de trabalho livral-o-ão do dever. Apenas, porém, voltarem costas, queixar-se-á da vossa indiscrição e de vós, responsabilisando-vos pelo tempo perdido. Só vós nada sabereis porque vos convidou a voltar.

Convida toda a gente. A todos abre a sua porta, de par em par, e a sua casa: ao primeiro adventicio, sem escolher, abre os olhos e o coração. Apenas chegados, tuteia as pessoas, se lhe são inferiores, ou venera as bem ostensivamente se occupam uma posição social saliente pelo seu talento ou pelas suas funcções. Aos grandes diz: «Que valho eu perto do sr., meu querido mestre? Pó e nada mais!» Aos humildes: «Meu velho, já passei por isso, mas não vaes agora fazer cerimonia commigo! Ha de chegar a tua vez, meu velho, verás... Deixa-me primeiro fallar a F...; pode servir-te — Verás!»

Todos ficam lisongeiados: os grandes, por uma distancia que elle exagera, e os pequenos por uma distancia que elle supprime. Uns leram no seu



Timbury — Arvore de proporções colossaes — Jacarezinho — Estado do Paraná.

olhar claro uma tão ingenua humildade e os outros uma tão cordeal comprehensão das suas miserias, que logo se forma uma dupla corrente sympathica, em cima e em baixo, gerando uma chusma de protectores que o recompensam do seu respeito ou de amigos que o axalçam, na esperança, sempre desilludida, dos beneficios promettidos por uma fraternidade mentirosa.

Com effeito, das suas promessas elle não se lembra mais; pode mesmo affirmar-se que não lhe passaram nunca pela mente: distribuiu olhares crystallinos e palavras commovidas e... eis tudo.

Encontra um transeunte que se lhe dirige, de mãos estendidas, num largo gesto sympathico:

— Mario: vê lá, não te esqueças do que me prometteste...

— Não, não. Podes estar socegado, meu velho...

— Então, conto comtigo.

— Sim, sim, meu velho.

— Quando queres que volte para conversarmos?

— Quando?... Quinta-feira, meu velho. Encontras-me no bar, ás seis horas.

— E terás tempo de?...

— Pois não. Sem falta — Até quinta-feira, meu velho.

— Obrigado! Prestas-me um grande serviço, salvas-me...

— Ora... não vale a pena... um serviço insignificante... Podes contar commigo...

— Obrigado?
Um aperto de mão cordial o o outro afasta-se.
— Que demonio prometteste áquelle rapaz?
— Sei lá!
— Que faz elle? Em que se emprega?
— Sei lá!
— Como se chama?
— Sei lá!

Promette assim libretos de opera, palmas academicas, premios Monthyon, empregos nos ministerios e, ás vezes, a Legião de Honra. Desse maneira, entretém as esperanças e uma côrte fiel e desta arte, quando os *comités* da 39ª circumscripção precisaram de um homem generoso e puro, o nome de Mario foi geralmente acclamado.

Nove mil duzentos e vinte e sete eleitores o mandaram á Camara. Fizeram bem. Mario tinha antecipadamente marcado no Parlamento o seu logar; nelle representará uma das fracções mais influentes da humanidade: os Egoistas.

**Edmond Havancourt.**

## TRAVA-LINGUAS FRANCEZES

Pronunciem rapidamente esta phrase:
«*Mur gâlé, trou s'y fit, rat s'y mit, coq entra, pie n'osa.*»

E depois esta:
«*Chat vit rôt, rôt tenta chat, chat mit patte á rôt, rôt brûla patte á chat.*»

Lembraremos, já agora, a proposito destes dois novos *trava-linguas*, outros, muito antigos, para algum leitor que, por ventura, os não conheça:
«*Didon dinait, dit'on, du dos d'un dodu dindon.*»

E este:
«*J'ai vu á Saint-Souci, six cents six Suisses, sucer six cents six saucisses, six cents en sauce, et six sans sauce.*»

Estes divertimentos são muito recommendaveis para o campo, depois do jantar, quando se não sabe o que se ha de dizer; cousa que a muita gente acontece.

## "SPLEEN" E VALOR

Durante o primeiro anno da guerra anglo-boer nada menos de setenta membros do Parlamento britannico partiram para «*o front*», como elles dizem, na qualidade de officiaes ou de simples alistados voluntarios.

Foi a camara alta que manteve o *record* desta abnegação. Quarenta e quatro lords, entre moços e velhos, foram para a Africa do Sul, onde muitos delles se conservavam ainda, nos primeiros mezes de 1901, e, com elles, vinte e cinco membros da camara dos Communs.

O decano dos combatentes parlamentares foio visconde Valencia. Antigo official de hussares, pedira a demissão em 1872 para exercer funcções civis como alto empregado da Casa Real. Tem 57 annos de edade.

O mais novo, um *commoner*, membro da camara dos Communs, tem apenas 27 annos. E' o capitão Hill, do regimento dos Irish Riffles, cuja bella conducta em Elandslaagte lhe valeu uma certa notoriedade no Natal.

Dos 25 *commoners* que tomaram parte na campanha, tres apenas haviam recebido já o baptismo do fogo: lord Comptou e o capitão Pirie, no Sudão, e o major Windhanquin, durante a primeira guerra anglo-boer em 1881.

MARTINICA — Uma das ruas principaes de Fort de France, em 1891

Em um hospital de Reims (França) estava, ha pouco tempo, em tratamento de uma arthrite sub-aguda do joelho, uma enferma pobre. O medico, dr. Luton, tendo-lhe receitado certa dose de centeio espigado, julgou necessario addicionar uma pequena quantidade de phosphato de soda.

Meia hora depois de ter tomado esse medicamento, a doente, que se tinha conservado sempre calma e triste, desatou a rir gostosamente.

Era extremo o seu bem estar, dizia ella, e uma alegria louca e transbordante se apoderava della.

Achando-se em jejum, só tinha tomado o remedio prescripto e essa maravilhosa transformação do seu espirito só poude ser attribuida ao medicamento.

O dr. Luton, a quem foi relatado o curioso effeito de sua receita, quiz fazer nova experiencia. O mesmo resultado foi obtido. Estava descoberto o antidoto do pranto.

Sendo a melancolia um mal que grassa em todos os paizes, uma folha franceza dá a preciosa receita aos seus leitores: «tintura de centeio espigado, 5 grammas: solução de phosphato de soda, a 10 °/ₒ, 15 grammas. Misture em meio copo de agua com assucar e tome, aos goles, em jejum.»

E' impossivel escravisar um povo, quando este tomou a firme resolução de ser livre.

# RECREAÇÕES

As decifrações dos trabalhos publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Do enigma charadistico, *Ahuá*; da charada central, *Lydio — Lycopodio*; e da charada em losango,

g
s a i
g a l b a
i b e
a

Nhasinha, Carmen, Silvia, Dagmar, Condor, Rose Provins, Bacamarte, Lilaz, Oregon, Trindade, Glorinha, Dudú, Pititi e Anderson solveram todos os tres problemas; Quininha, Heitor Lima, Gondoleiro, Siqueira, Temporal e Nelson os dous primeiros; Mavorte, Gastão, Camargo, Clio, Frantz, Francisco, Tymbira e Assis os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA APHERESADA (*Rose Provins*)

Com cuidado eu vou dizer
Ao collega *C. Leal*
Que agora foi comer
« *Certa planta um animal.* — 3 — 2

CHARADA EM LOSANGO (*Lilaz*)

Dou-te lettra, interjeição,
Mais moeda, grande rio,
E vogal, em conclusão,
Que não achas, de-afio...

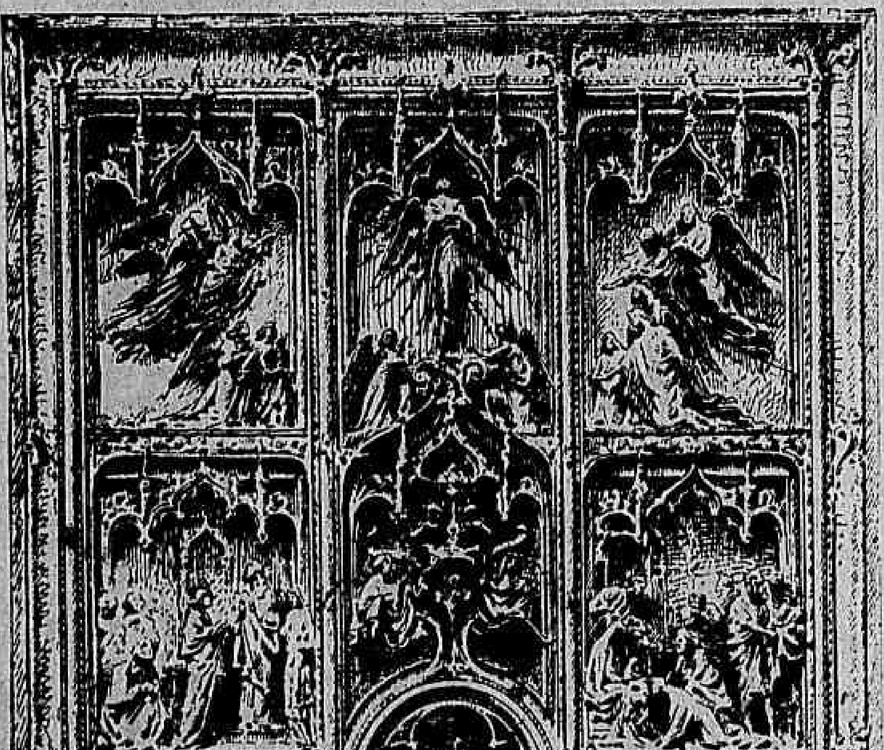
CHARADA EM PROTHESE (*Mapegui*)

2 — 3 — Esta donzella
Só conversava
Com moça bella,
Que idolatrava.

CORRESPONDENCIA

*Mariac* — Agradecidos.
*Vampiro* — Seguiu pelo correio a sua encommenda.

**Archimedes Junior.**

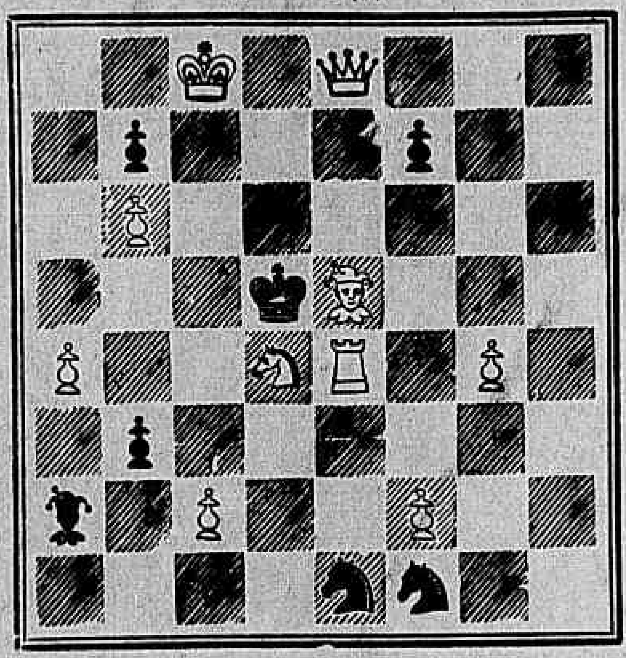


CATHEDRAL DE MILÃO
As novas portas de bronze do celebre templo.
Trabalho do artista Ludovico Pogliaghi.

## XADREZ

PROBLEMA N. 143 — S. Vete[illegible]k (Praga)

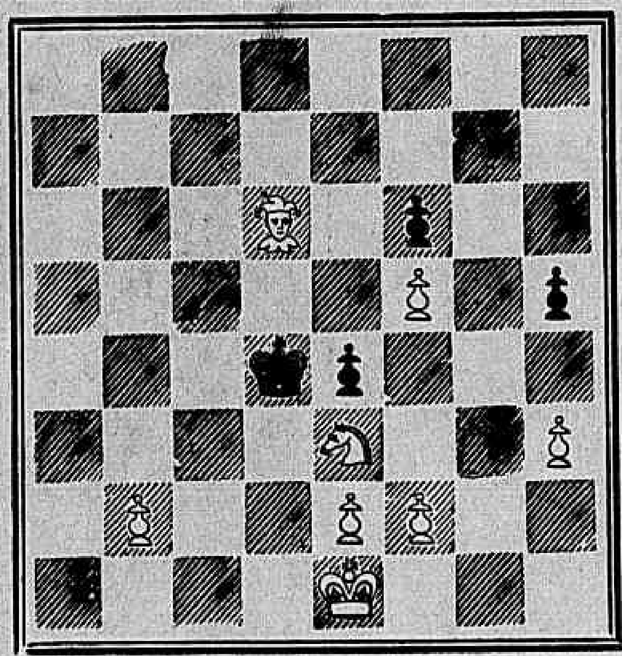
Pretas (7)



Brancas (10) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 144 — J. Bething (Riga)

Pretas (4)



Brancas (8) mate em 4 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 139 (*Maekenzie.*)

1 — D 2 T D (Jogada inicial — 9 variantes.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 140 (*Vainright.*)

1 — C 7 C, R 5 B; 2 — C 5 B etc.
1 — ........, Outra; 2 — D 3 R etc.

* * *

Resolvidos pelos srs: Theo, Silvano, Alipio de Oliveira, mlle. B. E, Salvio, Jofemo, dr. C. L., dr. B. C. R. (Palmyra) e Zozoe n. 139: Caissano e H. Leep n. 140: K. R. e Anto.

*Partida n. 46 — Defesa siciliana*

| | Brancas (*Eisenberg*) | Pretas (*Maroczy* |
|---|---|---|
| 1 | P 4 R | P 4 B D |
| 2 | C 3 B R | C 3 B D |
| 3 | P 4 D | P ✕ P |
| 4 | C ✕ P | P 3 R |
| 5 | B 3 R | C 3 B |
| 6 | C ✕ C | P C ✕ C |
| 7 | B 3 D | P 4 D |
| 8 | P ✕ P | P B ✕ P (a) |
| 9 | Roque (T R) | B 3 D |
| 10 | P 4 B D | P ✕ P |
| 11 | B ✕ P B | Roque (T R) |
| 12 | C 2 D | B 2 C |
| 13 | T 1 B | C 4 D |
| 14 | T 1 R | C ✕ B |
| 15 | T ✕ C (b) | B 5 B R |
| 16 | T 3 D | D 4 C (c) |
| 17 | P 3 B | T D 1 D |
| 18 | T 2 B | D 4 B x |
| 19 | R 1 T | T ✕ T |
| 20 | B ✕ T | D 4 T D |
| 21 | P 3 C D | T 1 D |
| 22 | D 2 R | B ✕ C |
| 23 | T ✕ B | B 3 T (d) |
| 24 | P 3 T R | P 3 C |
| 25 | P 3 R | D 6 B |
| 26 | B ✕ B | D ✕ T (e) |
| 27 | D ✕ P T | D ✕ P T |
| 28 | D 6 C | D 8 T |
| 29 | R 2 T | D 4 R |
| 30 | R 1 C | T 8 D |
| 31 | B 1 B | T 8 C |
| 32 | D 8 D x | R 2 C |
| 33 | D 3 D | D 8 R |
| 34 | P 4 B | T 8 D |
| 35 | D 3 B R | T 8 B |
| 36 | D 3 D | D 6 B |
| 37 | D ✕ D | T ✕ D (f) |
| 38 | B 4 B | R 3 B |
| 39 | R 2 B | R 4 B |
| 40 | R 2 R | R ✕ P |
| 41 | R 2 D | T 6 C |
| 42 | B 1 B | T ✕ P C D e ganham. |

* * *

(a) Pode-se considerar até este ponto, a maior egualdade de parte a parte.

(b) Eisenberg diminuiu o valor de seu jogo, permittindo a troca do Bispo pelo Cavalleiro.

(c) Aproveitou a occasião para dispôr as peças ataque.

(d) Bom lance; as Brancas estão paralysada deverão soffrer alguma perda.

(e) Tomar a Dama seria menos vantajoso e Brancas se defenderiam pôr muito tempo.

(f) O resto se advinha; as Pretas ganham sem ficuldade.

(*Notas de Rivière.*)

CORRESPONDENCIA

*Alipio de Oliveira* — Folgamos vel-o de volta villegiatura que acaba de fazer pelo Estado de S. Pa desejando que continue a distinguir esta secção a sua prestimosa correspondencia.

*Auto* — Registramos com satisfação o reappar mento de tão distincto collaborador, agradecendo amaveis termos de sua delicada carta.

Mais que nunca, tem agora o senhor ensejo de entregar ás delicias desse nobre passa-tempo, p tranquillidade que deve gosar na longinqua localida em que reside actualmente, cuja monotonia será e cazmente combatida com o entretenimento do jogo xadrez. Aguardamos as composições promettidas.

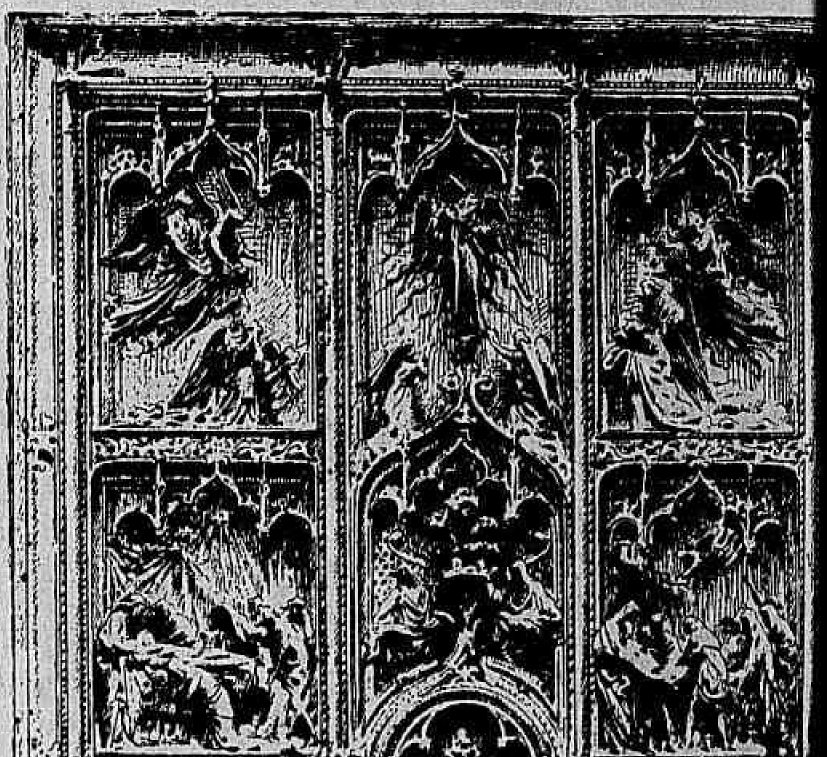
*K. R.* — Não foi o senhor o unico a se enganar solução do problema n. 139; realmente a jogada *Dama* é muito subtil, o que o torna de uma superio dade incontestavel.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para redacção do Jornal do Brasil, á rua Gonçalves D n. 54. « Secção de Xadrez ».

**Heibas.**

Uma domadora de leões, que ainda recen mente esteve em Lisboa, adoptou um expedie para guardar o seu dinheiro, que nós não ten duvida em recommendar, com certa instancia todas as pessoas que tenham capitaes, e recei que lh'os roubem. Depositava todas as noites receitas diarias dentro da jaula do mais feroz seus animaes... e nunca ninguem lhe furtou n um vintem!

Na Siberia ha mais de 100.000 deportados p governo russo.



CATHEDRAL DE MILÃO
As novas portas de bronze do celebre templ
Trabalho do artista Ludovico Pogliaghi.

Orgão official da Federação Brasileira das Sociedades do Remo e dos centros nauticos federados

SUPPLEMENTO DA REVISTA DA SEMANA

DOMINGO 22 DE JUNHO DE 1902

## CLUB DO FLAMENGO

Segundo o quadro dos amadores que concorreram á regata realizada pelo Club do Flamengo, cuja publicação iniciamos no presente numero, eleva-se a 177 o numero de amadores que disputaram os nove pareos daquella regata, sendo 45 *seniors* e 132 *juniors*.

Tomaram parte na mesma regata as 36 embarcações seguintes:

Baleeiras de 12 remos:
*Guanabara* (C. Natacão) 1 1º logar.
*Serrana* (C. Internacional) 1 2º logar.
*Vera-Cruz* (C. Vasco da Gama)
Baleeiras de 6 remos:
*Syrtes* (C. Boqueirão) 1 1º logar.
*Marte* (Gragoatá) 1 1º logar.
*Troya* (Natação) 2 2º logares.
*Tamoyo* (Flamengo)
*Visão* e *Cir* (Internacional)
*Vanguarda* (C. Vasco da Gama)
Baleeiras de 4 remos:
*Itabira* (Flamengo) 1 1º logar.
*Tosca* (Natação) 1 1º logar.
*Vesper* (Gragoatá) 1 2º logar.
*Africana* (Internacional) 1 2º log.
*Væ Victis!* (Vasco da Gama)
*Cajuense* (Club Cajuense)
*Aldina* (Grupo Nautico)
Canôas de 4 remos:
*Ivahy* (Boqueirão) 1 1º logar.
*Avida* (Gragoatá) 1 1º logar.
*Cecy* (Natação) 1 2º logar.
*Tupy* (Flamengo) 1 2º logar.
*Lygia* (Botafogo)
*Minerva* (Icarahy)

## A REGATA DO CLUB DO FLAMENGO

Chegada do 5º pareo — baleeira a 12 remos — *Juniors* — *Guanabara*, do Natação, em 1º logar e *Serrana*, do Internacional, em 2º

O SPORT NAUTICO, supplemento da REVISTA DA SEMANA.
não se vende separadamente.

Além destas, foi entregue á directoria da sociedade a que pertenciam cada uma das embarcações vencedoras, mais uma medalha, cunhada em metal identico ao das premiadoras dos tripulantes.

## CAMPEONATOS DE 1902

Além do bronze de Boffil, premio instituido pela União de Regatas Fluminense, conservado pelo Conselho Superior de Regatas e pela actual Federação Brasileira das Sociedades do Remo e agora em poder do Club do Boqueirão do Passeio, a que pertence a baleeira *Syrtes*, triumphadora do ultimo campeonato, será conferido aos vencedores dessa prova classica, que se realizará em agosto proximo, um objecto de arte offerecido pelo sr. ministro da marinha. Segundo ouvimos, o sr. presidente da Republica destina tambem um objecto de arte aos tripulantes vencedores do proximo campeonato.

Disputarão esses premios os clubs de Botafogo, Natação e Boqueirão e o Grupo de Gragoatá.

O Club do Flamengo, que se dizia ter encommendado tambem uma *yole-franche* para concorrer ao campeonato, reserva-se para a disputa do *Campeonato do remador*, em que será representado pelo sr. Edgard Magalhães. O Club de Icarahy será representado nesse mesmo campeonato pelo sr. Eduardo May, que já se prepara para as lutas.

O campeão Francisco de Paula Costa concorrerá pelo Club do Boqueirão, sendo possivel que o *canoe* do Club de Botafogo tenha como tripolante o sr. Armando Leite Basto da Cunha.

O batelão do *Jornal do Brasil* e *Revista da Semana*, de onde foram tiradas as diversas vistas da regata publicada no *Sport Nautco*.

(Phot. da *Revista da Semana*.)

## ROWING CLUB

Em assembléa geral realizada a 12 do corrente, foram eleitos para compôr a directoria inicial desta recente sociedade de regatas os srs. dr. Juvenal da Rocha Vaz, presidente; Bento do Amaral, vice-presidente; Lara Fernandes, 1º secretario; Luiz Delmas, 2º secretario; Arlindo Gitty, 1º thesoureiro; José Soares Ramalho Ortigão, 2º thesoureiro; Ricardo Cerqueira, director de regatas; procurador Manuel Goulart. Para a commissão de syndicancia foram t[illegible]mbem eleitos os srs. Alberto Sol[illegible], José Pinto e Aureliano de Olivei[illegible] Gitty.

E' desejo dos directores deste centro de regatas filial-o dentro em pouco á Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

## PARIS — LYON

Entre os 4.000 metros que separam a ponte de Puteaux da ponte do caminho de ferro d'Asnières, acaba de ser corrido em 12 de maio ultimo o terceiro *match* de oito remadores de Paris contra oito de Lyon.

Disputado ardentemente pelos tripolantes da Sociedade Nautica do Baixo Sena, representando a Federação Parisiense e pela guarnição mixta do Club Nautico e do Circulo do Remo de Lyon, o grande *match* annual foi ganho em 12'57" pela guarnição da Sociedade do Baixo Sena, com uma vantagem de cerca de quatro embarcações sobre a sua competidora.

Compunham a guarnição triumphadora os srs. Louis, patrão, (25 kilos), Jobit, vóga, (67 kilos) Cerbelaud, (82 kilos), Gaudin, (87 kilos), H. Barrelet, (85 kilos), Louvet, (90 kilos), Hénon, (75 kilos), Jeanty, (70 kilos), e R. Bensa (75 kilos)—Total 652 kilos.

Desde a sua fundação têm sido as glorias deste torneio nautico conquistadas: em 1900 pela Federação Lyoneza, representada pelos srs. Perrin, Soubeyran, Wegslin, Lumpp, Monnier, Seux, Reymond-Benoit e Reverchor.

Em 1901, ainda pela Federação Lyoneza, representada pelos srs. Bertheas, Grange, Tachet, Bertrand, Monnier, Bastener, Issartel e Reverchon.

Foi portanto esta a primeira victoria da Federação Parisiense.

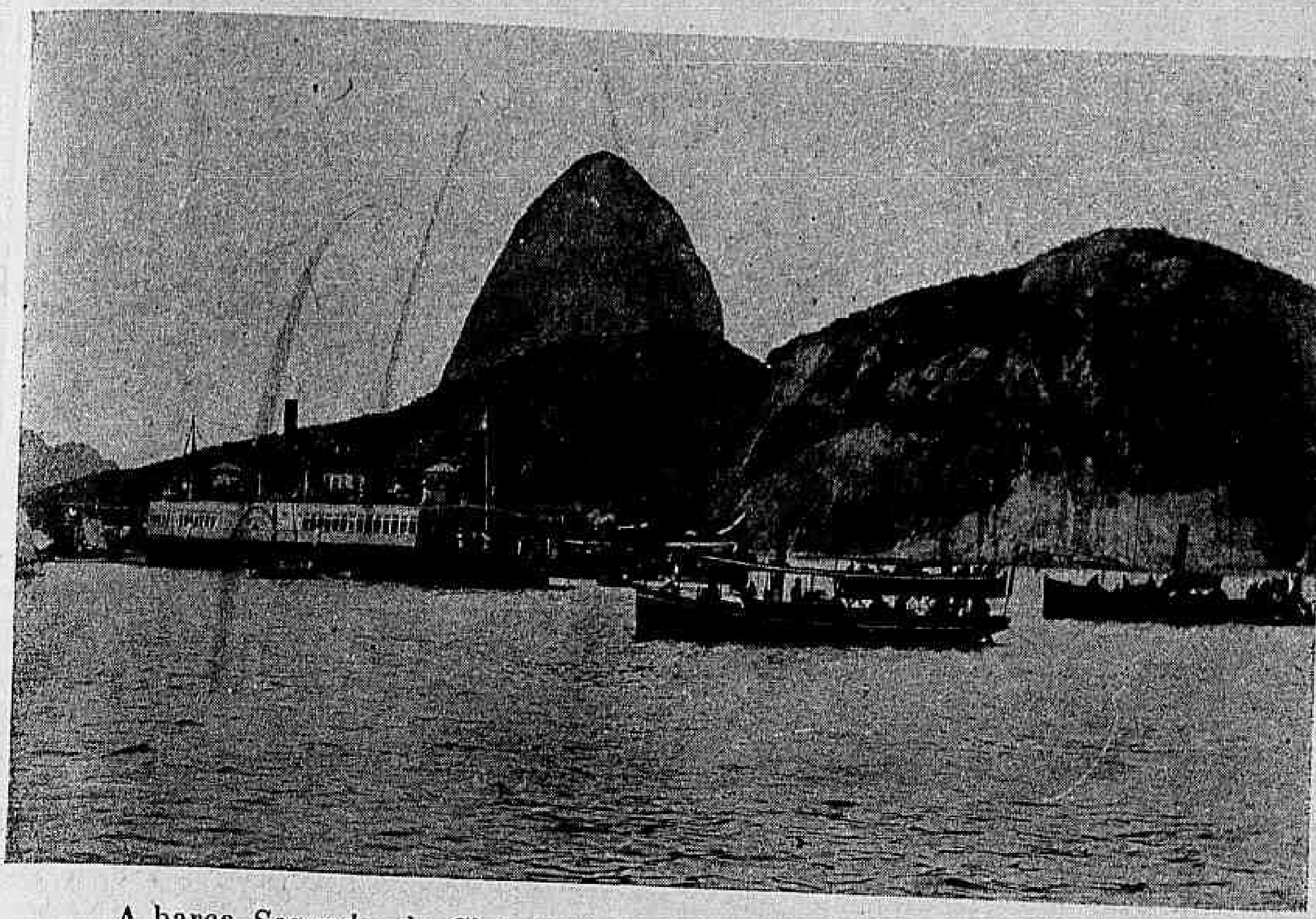
## CAMPEONATO DO MEDITERRANEO

Realiza-se a 13 de julho proximo, em Marselha, o Campeonato do Mediterraneo, disputado em *yoles-franches* de dois, quatro e oito remadores.

## OS CAMPEONATOS DA EUROPA

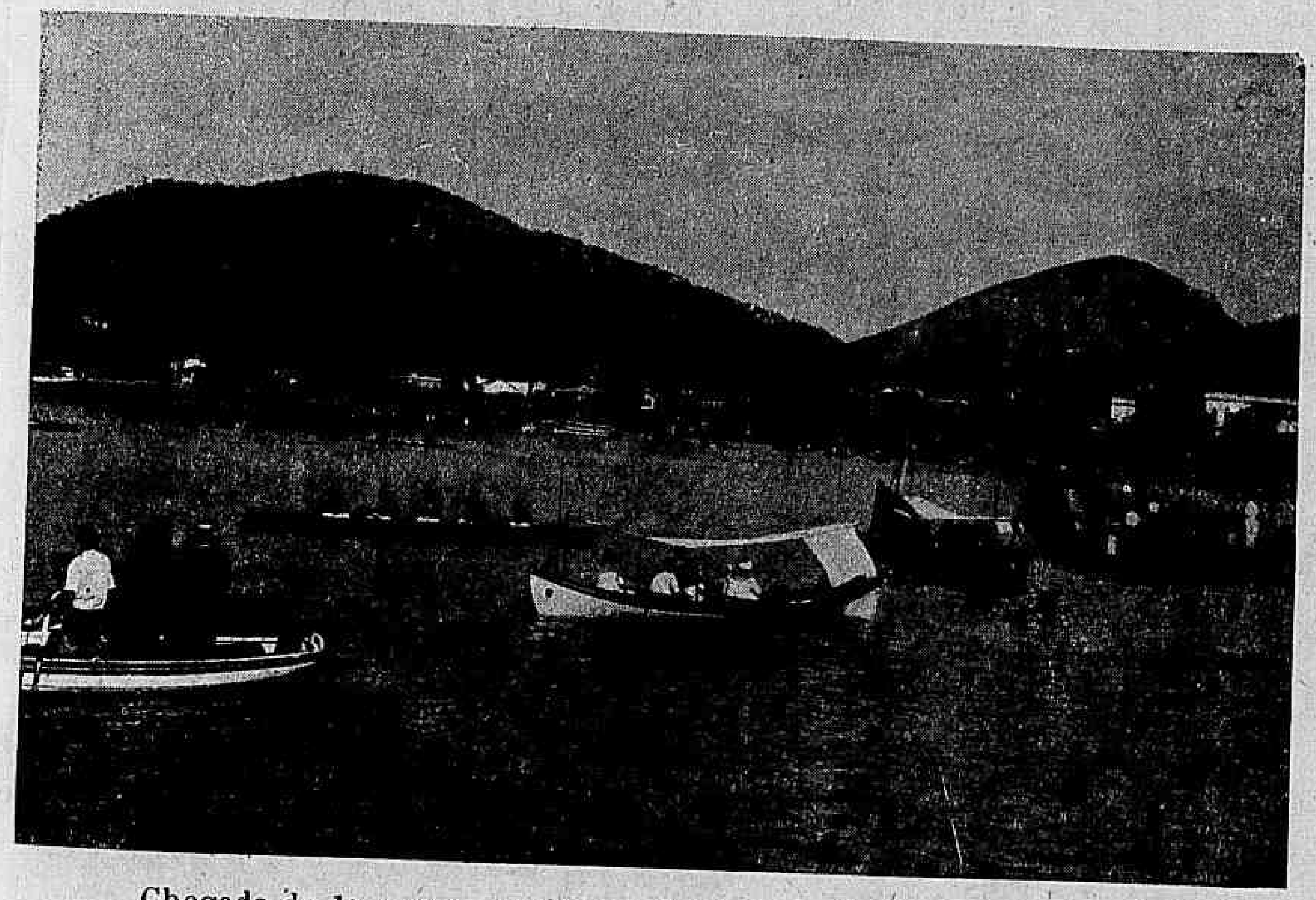
Segundo detalhada estatistica que *L'aviron* acaba de publicar, é de trinta e nove o numero de campeonatos europeus disputados de 1893 até hoje. Na classificação das victorias obtidas nesses campeonatos, o primeiro logar é occupado pela França, que conta 19, o segundo pela Belgica, que possue 17, o terceiro pela Suissa que obteve 2 e o quarto pela Italia, que conseguiu apenas uma victoria.

*Vedetta* (Vasco da Gama)
*Electra* (Cajuense)
*Gilda* (Guanabara)
*Sparta* (Internacional)



A barca *Segunda*, do Club Natação e Regatas e outras embarcações que assistiram á regata.

*Actéa* (Nautico)
Canôas de 2 remos:
*Diana* (Boqueirão) 1 1º logar.
*Jacutinga* (Botafogo) 1 2º logar.
*Marilda* (Icarahy 1 2º logar.
*Garça* (Guanabara) 1 2º logar.



Chegada do 1º pareo — canôas a dois remos — em que venceram *Jacutinga* e *Garça*.

*Igarité* (Flamengo).
*Velox* (Vasco da Gama)
*Celta* (Internacional)
*Aragem* (Nautico)

As medalhas premiadoras dos pareos da regata foram assim distribuidas:

Boqueirão: 5 de ouro e 10 de prata — Total 15 medalhas.

Natação: 5 de ouro, 13 de prata e 19 de bronze — Total 37 medalhas.

Gragoatá: 7 de ouro, 5 de prata e 5 de bronze — Total 17 medalhas.

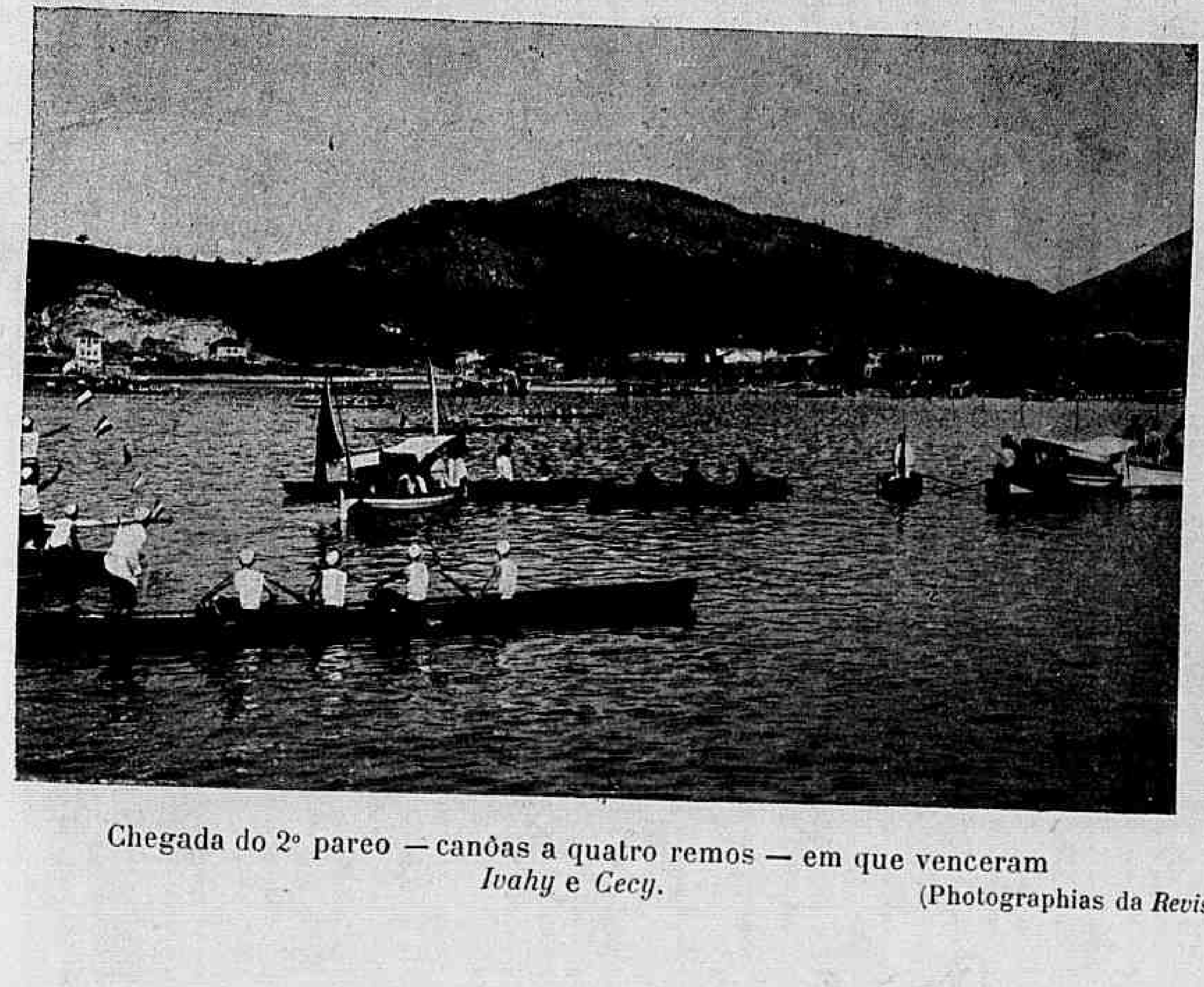
Flamengo: 5 de ouro e 5 de bronze — Total 10 medalhas.

Botafogo: 3 medalhas de prata.

Internacional: 18 medalhas de bronze.

Icarahy: 3 medalhas de bronze.

Guanabara: 3 medalhas de bronze.



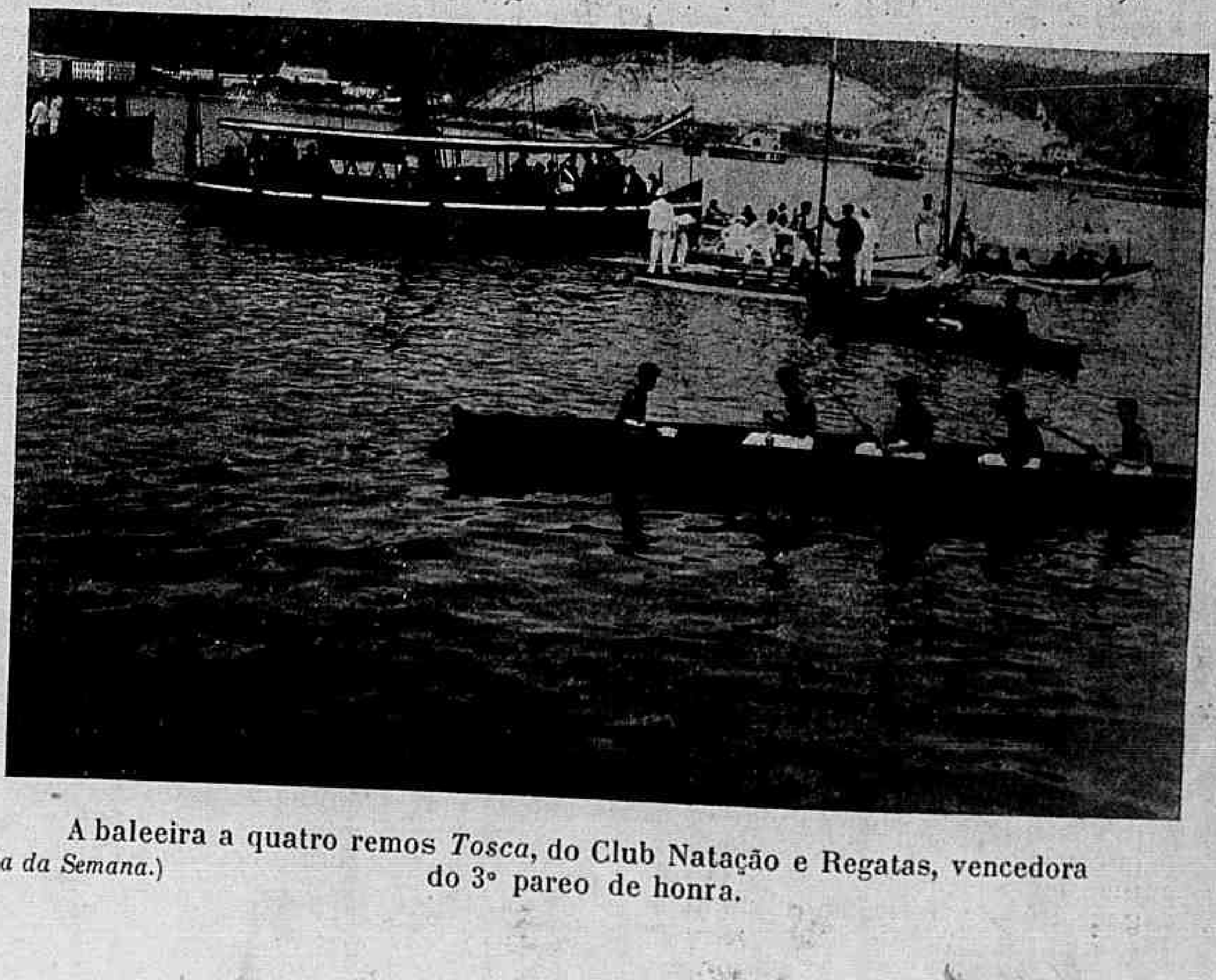
Chegada do 2º pareo — canôas a quatro remos — em que venceram *Ivahy* e *Cecy*.

(Photographias da *Revista da Semana*.)

## Relação nominal dos amadores que tomaram parte na regata realizada pelo Club do Flamengo, em 8 de junho de 1902

| SOCIEDADES A QUE PERTENCEM | NOMES | Numero de pareos a que concorreram | Victorias 1º logar | Victorias 2º logar | Observações |
|---|---|---|---|---|---|
| Boqueirão | Luiz Cunha | 2 | 2 | — | Patrão *senior*. |
| » | Francisco de Paula Costa | 2 | 2 | — | *Senior*. |
| » | Gustavo de Paula Costa | 2 | 2 | — | » |
| » | Arthur Amendoa | 2 | 2 | — | » |
| » | José Dias Martins | 2 | 2 | — | » |
| » | Francisco da Silva Lage | 2 | 2 | — | » |
| » | Abrahão Saliture | 2 | 2 | — | « |
| » | Antonio G. Carneiro Junior | 1 | 1 | — | » |
| » | Raul Guimarães | 2 | — | — | Patrão *senior*. |
| » | Lucindo Saroldi | 1 | — | — | *Junior*. |
| » | Alvaro Ribeiro | 1 | — | — | » |
| » | Edgard Bandeira | 1 | — | — | » |
| » | Pedro Eça | 1 | — | — | » |
| » | Alberto Guimarães | 1 | — | — | » |
| » | Edmundo Silva | 1 | — | — | » |
| » | Augusto Fernandes de Carvalho | 1 | — | — | » |
| » | Deolindo Pinto da Silva | 1 | — | — | » |
| » | Francisco Torres Taveira | 1 | — | — | » |
| » | Guilherme Fontão da Silva | 1 | — | — | » |
| Natação | Affonso Teixeira de Castro | 2 | — | 2 | Patrão *senior*. |
| » | Guilherme Soumaine | 2 | — | 2 | *Senior*. |
| » | João José Teixeira | 2 | — | 2 | » |
| » | Justino dos Santos | 1 | — | 1 | » |
| » | Annibal Marchesini | 1 | — | 1 | » |
| » | Armando R. Machado | 1 | — | 1 | » |
| » | Joaquim Gonçalves Barbosa | 1 | — | 1 | » |
| » | João Salgado Guimarães | 1 | — | 1 | » |
| » | José Peixoto | 1 | — | 1 | » |
| » | Alvaro Ribeiro Bastos | 2 | 1 | 1 | Patrão *junior*. |
| » | Albano Pereira | 2 | 1 | 1 | *Junior*. |
| » | Humberto Lobo | 2 | 1 | 1 | » |
| » | João Gomes da Cruz | 2 | 1 | 1 | » |
| » | Valentim Costa | 2 | 1 | 1 | » |
| » | Felisbino Ribeiro | 2 | 1 | 1 | » |
| » | Alfredo Maldonado | 2 | 1 | 1 | » |
| » | A. Cropalato | 1 | 1 | — | Patrão *junior*. |
| » | Aristides de Castro | 1 | 1 | — | *Junior*. |
| » | Ulysses Carneiro Leão | 1 | 1 | — | » |
| » | Francisco Mesquita | 1 | 1 | — | » |
| » | Luiz Alves Pires | 1 | 1 | — | » |
| » | José Mattos de Souza | 1 | 1 | — | » |
| » | Ludovico Pitta | 1 | 1 | — | » |
| » | Jorge Figueiredo | 1 | 1 | — | » |
| » | José Motta Junior | 1 | 1 | — | » |
| » | Caetano Chaves | 1 | 1 | — | » |
| » | Vicente Passarello | 1 | 1 | — | » |
| Gragoatá | José Ferreira de Aguiar | 2 | — | 1 | » |
| » | Octavio Faria | 3 | — | 1 | *Seniors* Patrona- |
| » | Guilherme Lorena | 2 | — | 1 | ram *Juniors* |
| » | Edgard Fernandes Ribeiro | 2 | — | 1 | *Senior*. |
| » | Alfredo Luiz Ribeiro | 2 | — | 1 | » |
| » | Roberio de Carvalho | 1 | — | — | » |
| » | Rodolpho Aguiar Toledo | 2 | 2 | — | Patronou *seniors*. |
| » | Karl Herpes | 2 | 1 | — | *Juniors*. |
| » | Carlos Robinson | 2 | 1 | — | » |
| » | Raul Telles Ribeiro | 2 | 1 | — | » |
| » | Mario Almeida | 2 | 1 | — | » |
| » | Joaquim Ennes Torres | 1 | 1 | — | » |
| » | Otto Schuback | 1 | 1 | — | » |
| » | Gabriel de Lima Faria | 1 | 1 | — | » |
| » | Angelino Martins de Faria | 1 | 1 | — | » |
| » | Manuel Bento de Faria Netto | 1 | 1 | — | Patrão *junior*. |

*(Continúa)*.



A baleeira a quatro remos *Tosca*, do Club Natação e Regatas, vencedora do 3º pareo de honra.

## OXFORD-CAMBRIDGE

O *match* corrido annualmente pelas universidades de Oxford e Cambridge e que por ser a prova classica da élite dos mestres do remo da Inglaterra constitue o maior acontecimento da canotagem de além mar, acaba de ter por triumphadores, como já é sabido e a *Revista da Semana* o disse, os tripulantes de Cambridge. Este torneio, que vem de 1829 desdobrando-se em cincoenta e oito encontros gloriosos daquellas universidades, trinta e tres dos quaes vencidos pelos de Oxford e vinte e cinco pelos de Cambridge, foi instituido por aquella época pelos remadores do *St-John's Collège* num cartel atirado aos do *Christ-Collège-Oxford* para uma regata a oito até Henley. Realizado o encontro triumpharam os remadores desafiados. Outro *match* foi marcado para 1831, sendo porém a sua realização impedida pela epidemia de cholera que devastava a Inglaterra fazendo mais densa a tristeza brumosa do Tamisa. Foi então a 17 de junho de 1836 que de novo se encontraram as duas guarnições, disputando os 9.654 metros que separam Wands-Worth de Putney numa corrida que levou á Universidade de Cambridge a primeira victoria dos seus *oarsmen*. Equilibradas assim as victorias das duas universidades, organisou a de Cambridge a sua guarnição *azul celeste*, tida por *voadora* pela rapidez com que, cortando a agua, conseguira bater a guarnição *azul marinho* dos Oxonianos. Depois destes os torneios repetiram-se de 1839 a 42 e em 1845, 49, 52, 54, e 56 sendo dahi annuaes e ininterruptos os encontros das duas guarnições.

O ultimo *match*, realizado a 22 do passado março, é assim descripto por *L'aviron*: «A's onze horas sahiram as guarnições para um pequeno passeio preliminar. Precisamente meia hora depois do meio dia os de Cambridge, na qualidade de *challengers*, por terem sido batidos na corrida precedente, dirigiram-se ao local em que estava fundeada a sua embarcação, seguidos de perto pelos de Oxford. Depois de uma pequena demora no alinhamento das embarcações, espoucou o tiro de sahida e ao longo das duas margens correu o grito de «Partiram!» sahido da bocca da multidão enthusiasmada.

Os *azul marinho*, posto que mais rapidos na sahida, tiveram logo ao primeiro minuto da corrida os de Cambridge pela prôa.

Ao chegarem ao posto da primeira milha estavam estes ultimos tres embarcações avante dos Oxonianos, que apertando a vóga conseguiram pouco antes de Hammersmith-Bridge rehaver parte do terreno perdido. Existia, não obstante, um espaço entre as duas embarcações. A agua tornára-se agora peior e, com geral sorpresa, os *azul marinho* mostraram-se por isso grandemente embaraçados, atrazando-se cerca de duas embarcações até que o vóga Huntley pudesse restabelecer a ordem. Empenhados novamente na luta conseguiram então diminuir a distancia que os separava dos seus competidores, sendo em Chiswick-Eyot estes os tempos das guarnições: Cambridge 11 minutos e 39 segundos; Oxford, 11 minutos e 53 segundos.

Transposto Barnes-Bridge pelos de Cambridge com uma vantagem de seis embarcações, Huntley appellou para um ultimo esforço dos seus companheiros, baldado não obstante bem correspondido. Os de Cambridge, muito frescos ainda, apertaram por seu turno a vóga garantindo a victoria. Os oxonianos gabavam-se da chegada, mas os *azul celeste* não demonstrando fadiga alguma pareciam ter acabado de fazer um passeio costumeiro.

Este triumpho devem-n'o os de Cambridge ao sr. Dundley-Ward, que na semana anterior á corrida, quando já estavam todos promptos para disputal-a, soube ensaial-os de maneira a evitar completamente o *surmenage* e conseguir com que estivessem elles no dia da carreira tão frescos como oito dias antes.»

Ha por ahi muita gente que pensa que esta cousa de regatas, além de a ninguem divertir, póde ser perfeitamente feita sem despeza alguma. E' deitar os barcos á agua e deixal-os correr... As difficuldades que se antepoem á realização dessas festas mais a miudo entre nós, povo de riba-mar, além de explicadas pelo exagerado preço da feitura das embarcações justificam-se pelas elevadas despezas a attender para a sua organisação.

Ainda agora, corrido o *match* entre Putney e Mortlake, um estatistico inglez deu-se ao trabalho de, amigo do detalhe e da precisão mathematica, indagar de quanto havia custado essa corrida ás duas Universidades.

De pesquiza em pesquiza o paciente calculista, levando em linha de conta o custo das duas embarcações que foi de 4:125$000 e 1:125$000 dos dezeseis pares de remos e sommando-o ás despezas motivados pelos ensaios das guarnições, que duraram perto de cinco mezes, ás do seu preparo, aos diversos direitos pagos, ao aluguel da embarcação a vapor para o jury da regata e, finalmente, ás do tradicional banquete offerecido depois da corrida pela Universidade vencedora, concluiu, tirando pausadamente os oculos, que cada segundo dos vinte minutos do *match* custára 37$500, 3$750 cada remada, ou quarenta e cinco contos da nossa moeda, dispendidos alli assim numa brincadeira daquellas, por ambas as Universidades.

E, ajuntou o sabio, com gravidade digna, *time is money*...

### RESUMO DOS «MATCH» ENTRE OXFORD E CAMBRIDGE DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ HOJE

| ANNOS | DATAS | UNIVERSIDADES VENCEDORAS | LOCAL ONDE SE REALIZOU A REGATA | PERCURSO METROS | TEMPO DISPENDIDO | DISTANCIA DO VENCEDOR PARA O SEU COMPETIDOR |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1829. | 10 de junho | Oxford | De Hambledon a Henley. | 3.620 | 14'30" | Folgadamente. |
| 1836. | 17 » » | Cambridge | De Wandsworth a Putney. | 9.654 | 36' | 1 minuto. |
| 1839. | 3 » abril | Cambridge | » | — | 31' | 1 minuto 45". |
| 1840. | 15 » » | Cambridge | » | — | 29'30" | 3/4 de embarcação. |
| 1841. | 14 » » | Cambridge | » | — | 32'30" | 1 minuto 4'. |
| 1842. | 11 » junho. | Oxford | » | — | 30'45" | 13 seguudos. |
| 1845. | 15 » março | Cambridge | De Putney a Mortlake. | 6.838 | 23'30" | 30 segundos. |
| (1) 1846. | 3 » abril | Cambridge | De Mortlake a Putney. | — | 21' 5" | 2 embarcações. |
| 1849. | 29 » março | Cambridge | De Putney a Mortlake. | — | 22' | folgadamente. |
| 1849. | 15 » dezembro | Oxford | » | — | 22' | *desqualificado.* |
| 1852. | 3 » abril | Oxford | » | — | 21'36" | 27 segundos. |
| 1854. | 8 » » | Oxford | » | — | 25'29" | 11 remadas. |
| 1856. | 15 » março | Cambridge | De Partier's Rail a Putney. | 6.947 | 25'50" | 1/2 embarcação. |
| (2) 1857. | 4 » abril | Oxford | De Putney a Mortlake. | 6.838 | 22'35" | 35 segundos. |
| 1858. | 27 » março | Cambridge | » | — | 21'23" | 22 segundos. |
| 1859. | 15 » abril | Oxford | » | — | 24'40" | *Cambridge a pique.* |
| 1860. | 31 » março | Cambridge | » | — | 26' 5" | 1 embarcação. |
| 1861. | 23 » » | Oxford | » | — | 23'30" | 48 segundos. |
| 1862. | 12 » abril | Oxford | » | — | 24'41" | 30 segundos. |
| 1863. | 28 » março | Oxford | De Mortlake a Putney. | — | 23' 6" | 43 segundos. |
| 1864. | 19 » » | Oxford | De Putney a Mortlake. | — | 21'40" | 26 segundos. |
| 1865. | 8 » abril | Oxford | » | — | 21'24" | 4 embarcações. |
| 1866. | 24 » março | Oxford | » | — | 25'35" | 15 segundos. |
| 1867. | 13 » abril | Oxford | » | — | 22'40" | 1/2 embarcação. |
| 1868. | 4 » » | Oxford | » | — | 20'56" | 6 embarcações. |
| 1869. | 17 » março | Oxford | » | — | 20' 5" | 3 embarcações. |
| 1870. | 6 » abril | Cambridge | » | — | 22' 4" | 1 embarcação e 1/4 |
| 1871. | 1 » » | Cambridge | » | — | 23' 5" | 1 embarcação |
| 1872. | 23 » março | Cambridge | » | — | 21'15" | 2 embarcações. |
| (3) 1873. | 29 » » | Cambridge | » | — | 19'35" | 3 embarcações. |
| 1874. | 28 » » | Cambridge | » | — | 22'35" | 3 embarcações. |
| 1875. | 20 » » | Oxford | » | — | 22' 2" | 10 embarcações. |
| 1876. | 8 » abril | Cambridge | » | — | 20'20" | folgadamente. |
| 1877. | 24 » março | *Result. duvidoso* | » | — | 24' 8" | O p. Oxf. part. o remo |
| 1878. | 13 » abril | Oxford | » | — | 22'13" | 10 embarcações. |
| 1879. | 5 » » | Cambridge | » | — | 21'18" | 3 embarcações e 1/2 |
| (4) 1880. | 22 » março | Oxford | » | — | 21'23" | 3 embarcações e 1/4 |
| 1881. | 8 » abril | Oxford | » | — | 21'51" | 3 embarcações. |
| 1882. | 1 » » | Oxford | » | — | 20'12" | 7 embarcações. |
| (5) 1883. | 15 » março | Oxford | » | — | 21' 8" | 4 embarcações. |
| 1884. | 7 » abril | Cambridge | » | — | 21'39" | 2 embarcações e 1/2 |
| 1885. | 28 » março | Oxford | » | — | 21'36" | 3 embarcações. |
| 1886. | 3 » abril | Cambridge | » | — | 22'29" | 2/3 de embarcação. |
| (6) 1887. | 26 » março | Cambridge | » | — | 20'52" | 3 embarcações e 1/2 |
| 1888. | 24 » » | Cambridge | » | — | 20'48" | 5 embarcações. |
| 1889. | 30 » » | Cambridge | » | — | 20'14" | 2 embarcações e 1/2 |
| 1890. | 26 » » | Oxford | » | — | 22' 3" | 1 embarcação. |
| 1891. | 21 » » | Oxford | » | — | 21'48" | 1/2 embarcação. |
| 1892. | 9 » abril | Oxford | » | — | 19'21" | 2 embarcações e 1/4 |
| (7) 1893. | 22 » março | Oxford | » | — | 18'47" | 1 embar. e 4 pés. |
| 1894. | 17 » » | Oxford | » | — | 21'39" | 3 embarcações e 1/2 |
| 1895. | 30 » » | Oxford | » | — | 20'50" | 2 embarcações e 1/4 |
| 1896. | 28 » » | Oxford | » | — | 20' 1" | 2/5 de embarcação. |
| 1897. | 3 » abril | Oxford | » | — | 19'12" | 2 embarcações e 1/3 |
| 1898. | 26 » março | Oxford | » | — | 22'15" | 12 embarcações. |
| 1899. | 25 » » | Cambridge | » | — | 21' 4" | 4 embarcações. |
| 1900. | 31 » » | Cambridge | » | — | 18'47" | 20 embarcações. |
| 1901. | 30 » » | Oxford | » | — | 22'31" | 1 metro. |
| 1902. | 22 » » | Cambridge | » | — | 19' 9" | 6 embarcações. |

(1) Primeira corrida disputada em *outrigger*. (2) Primeira corrida disputada em *outrigger* de 8 remos sem quilha e com remos curvos. Ambas as universidades adoptaram então embarcações e remos da mesma especie. (3) Estréa dos bancos movediços. (4) Corrida transferida do sabbado precedente em virtude do nevoeiro. (5) Este *match* foi disputado em meio de uma tempestade de neve. (6) O sóta-vóga de Oxford quebra o remo. (7) *Record* vencido no ensaio de 19 de março de 1897 pela guarnição de Oxford em 18 minutos e 27 segundos.

## CALENDARIO NAUTICO

### AGOSTO

10 — Federação Brasileira das Sociedades do Remo — CAMPEONATO DO RIO DE JANEIRO, em *yoles franches* de 8 remadores *seniors*.

### OUTUBRO

12 — Federação Brasileira das Sociedades do Remo e Club Vasco da Gama — CAMPEONATO DO REMADOR — TAÇA SUL AMERICA e regata regional.

**Rogamos ás directorias das sociedades de que «O SPORT NAUTICO» É ORGÃO OFFICIAL, o obsequio de enviarem, até ás quartas-feiras, no maximo, os originaes das publicações que nestas paginas tenham de ser feitas.**